



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS  
CAMPUS DE ARAGUAÍNA  
CURSO DE LETRAS/PORTUGUÊS**

**MARIA DA ASSUNÇÃO NASCIMENTO DE OLIVEIRA**

**BULLYING EM UMA ESCOLA PÚBLICA NO MUNICÍPIO DE  
PIRAQUÊ-TO: AUTO PERCEPÇÃO E SOFRIMENTO**

**ARAGUINA-TO**

**2019**

**MARIA DA ASSUNÇÃO NASCIMENTO DE OLIVEIRA**

**BULLYING EM UMA ESCOLA PÚBLICA NO MUNICÍPIO DE  
PIRAQUÊ-TO: AUTOPERCEPÇÃO E SOFRIMENTO**

Monografia de Conclusão de Curso de  
Graduação em Letras apresentada à  
Universidade Federal do Tocantins, no campus  
de Araguaína.

Orientador: Dra. Thelma Pontes Borges

**ARAGUAÍNA-TO**

**2019**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

- O48b Oliveira, Maria da Assunção Nascimento de .  
Bullying em uma escola pública no município de Piraquê-to :  
autopercepção e sofrimento . / Maria da Assunção Nascimento de Oliveira. –  
Araguaína, TO, 2019.  
59 f.
- Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus  
Universitário de Araguaína - Curso de Letras - Português, 2019.  
Orientadora : Thelma Pontes Borges
1. Bullying. 2. Escola. 3. Estudante. 4. Saúde emocional. I. Título

**CDD 469**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

Dedico a minha mãe Maria Helena do Nascimento que sempre esteve ao meu lado nos caminhos mais difíceis da minha vida e por ter sido a peça fundamental para a realização deste sonho. Sem ela eu não teria chegado até aqui.

## **AGRADECIMENTO**

Agradeço em primeiro lugar á Deus por iluminar o meu caminho a cada passo dado. Através da sua misericórdia me ajudou a seguir em frente e não desistir, mesmo passando por problemas de saúde e várias dificuldades encontradas pelo caminho.

Á minha orientadora Thelma Pontes Borges, pela paciência e dedicação em todos os momentos.

Aqueles que de forma direta ou indireta me ajudaram na construção desse trabalho.

Aos meus pais em especial á minha mãe que sempre me apoiou e apesar de toda dificuldade em que vive até hoje, me ensinou a lutar pelos meus sonhos e nunca desistir.

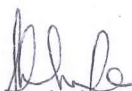
A escola deve ser um complemento á educação familiar, e para isso, os professores precisam saber educar a emoção e trabalhar as funções mais importantes da inteligência para formar pensadores, e não repetidores de informações.

**Augusto Cury**

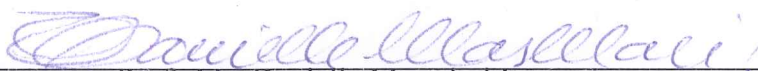
**BULLYING EM UMA ESCOLA PÚBLICA NO MUNICÍPIO DE  
PIRAQUÊ-TO: AUTOPERCEPÇÃO E SOFRIMENTO**

Data de Aprovação 05/12/2019

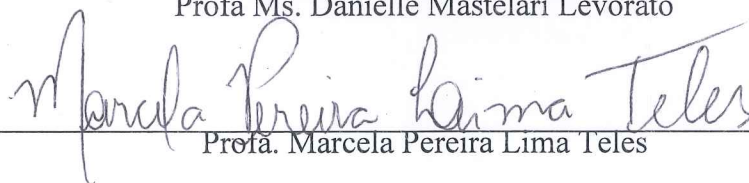
**Banca Examinadora:**



\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Thelma Pontes Borges (orientadora)



\_\_\_\_\_  
Profa Ms. Danielle Mastelari Levorato



\_\_\_\_\_  
Profa. Marcela Pereira Lima Teles

## RESUMO

A violência tem se tornado comum dentro do ambiente escolar, e devido à observação de atos agressivos em excesso e que surgiram na mídia nos últimos anos, partiu-se o interesse e a motivação para explorar o tema bullying no espaço escolar. Diante da pretensão de conhecer possíveis soluções e diante da importância do assunto, objetiva-se verificar a ocorrência de bullying, suas vítimas e algozes e o conhecimento de alunos do ensino fundamental II e ensino médio de uma escola estadual do município de Piraquê. Para tanto, apresenta-se uma abordagem sobre o bullying e seus conflitos na sociedade e na escola, bem como os papéis da escola e da família. Apresenta-se ainda, relato de pesquisas sobre bullying no Brasil, na escola e na sociedade. O trabalho teve como método uma pesquisa de cunho quanti-quali em uma escola pública da cidade de Piraquê-To, sendo utilizado um questionário com 20 questões com o intuito de obter resultados da incidência dos casos de bullying na escola. A pesquisa foi aplicada em quatro turmas, entre elas foram 8º e 9º ano do ensino fundamental, 1º e 3º ano do ensino médio. Portanto, conclui-se com a pesquisa que há uma incidência alta de bullying na escola estudada, sendo que parte dos agressores são do sexo masculino, e as situações de agressões ocorrem em ambientes supervisionados como a sala de aula e o pátio da escola. Tais resultados demonstram que a escola precisa se organizar de outra forma, a fim de diminuir os casos de violência escolar. É fundamental a participação da escola, estudantes, pais e da comunidade na luta pela redução do bullying.

**Palavras-chaves:** Bullying; saúde emocional; estudantes.



## **ABSTRACT**

Violence has become common within the school environment, and due to the observation of excessive aggressive acts that have appeared in the media in recent years, the interest and motivation to explore the bullying theme in the school space has been broken. Given the pretension of knowing possible solutions and given the importance of the subject, the objective is to verify the occurrence of bullying, its victims and perpetrators and the knowledge of elementary and high school students of a state school in the city of Piraquê. To this end, we present an approach to bullying and its conflicts in society and school, as well as the roles of school and family. It also presents reports of bullying research in Brazil, at school and in society. The work had as a method a quantitative research in a public school of the city of Piraquê-To, using a questionnaire with 20 questions in order to obtain results of the incidence of bullying cases in the school. The research was applied in four classes, among them were 8th and 9th grade of elementary school, 1st and 3rd year of high school. Therefore, it is concluded with the research that there is a high incidence of bullying in the school studied, and part of the aggressors are male, and the situations of aggression occur in supervised environments such as the classroom and the school yard. Such results demonstrate that the school needs to be organized in another way in order to reduce the cases of escalating violence. The participation of school, students, parents and the community in the fight to reduce bullying is crucial.

**Keywords:** Bullying; emotional health; students.

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Você já sofreu algum tipo de violência na escola? .....	53
Gráfico 2: Gênero dos alunos que vivenciaram algum tipo de violência na escola .....	54
Gráfico 3: Qual tipo de violência os alunos(as) relataram?.....	54
Gráfico 4: Com qual idade você tinha quando aconteceu sua primeira experiência com bullying? .....	56
Gráfico 5: Quem são as pessoas responsáveis pelo bullying?.....	57
Gráfico 6: Quais os locais ocorreram mais casos de bullying? .....	58
Gráfico 7: Na sua escola você já estudou sobre bullying? .....	59
Gráfico 8: De quem é a culpa se as práticas de violência continuam acontecendo na escola?.....	62
Gráfico 9: Você (aluno) já foi xingado ou recebeu algum tipo de apelido ofensivo?.....	63
Gráfico 10: Quem intimidou ou agrediu você (aluno), menino ou menina?.....	64

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>Objetivo geral.....</b>	<b>14</b>
<b>Objetivos específicos.....</b>	<b>14</b>
<b>1 BREVE CONCEITO SOBRE O TERMO BULLYING.....</b>	<b>15</b>
1.1 Alvos de bullying .....	26
1.1.1 A vítimas .....	26
1.1.2 Os agressores .....	30
1.1.3 As testemunhas .....	31
1.1.4 Possíveis causas de bullying.....	33
1.1.5 Consequências do Bullying .....	34
1.2 Bullying na sociedade.....	35
1.3 Bullying na escola .....	39
<b>2 PESQUISAS SOBRE BULLYING NO BRASIL .....</b>	<b>45</b>
2.1 Pesquisas bullying na sociedade.....	47
2.2 Pesquisas bullying na escola.....	49
<b>3 METODOLOGIA E OBJETIVOS .....</b>	<b>52</b>
3.2 Análise dos resultados .....	52
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>65</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>67</b>

## INTRODUÇÃO

A sociedade vive uma constante realidade e está rodeada por acontecimentos que geram violência, dia após dia as mídias noticiam muitos conflitos violentos, aumentando a cada dia, o medo e a insegurança da sociedade. No ambiente escolar tanto agressão verbal como física ou psicológica vem aumentando de forma significativa, fenômeno conhecido como *Bullying*, ainda pouco estudado e trabalhado nas escolas pelos educadores, desconhecido por grande parte da população e que requer atenção e intervenção por parte da escola.

O *Bullying* é problema mundial e está presente em todas as escolas. Uma de suas causas é a intimidação de uma ou mais pessoas, desejo consciente de maltratar as vítimas tendo como característica a exclusão manifestadas por atitudes agressivas, que pode causar traumas às vítimas. De acordo com (SÓ 2010, P.6) “Nesse cenário, visualizamos troca de xingamentos, palavrões, desrespeito com o material alheio, depredação do patrimônio escolar, ameaças dirigidas a professores e agressões físicas entre alunos e etc”.

Entre os tipos de bullying, existe o bullying físico, sendo as agressões como por exemplo, bater, empurrar beliscar, roubar. Tem-se o bullying verbal, que é praticado através apelidos ofensivos, comentários racistas, ameaças. Já o bullying social e relacional ocorre da seguinte forma, excluir o individuo de um grupo, causar constrangimento e humilhação, gestos ameaçadores e o cyberbullying que, significa uma forma de bullying praticada pela internet, através de mensagens, aplicativos, e-mails etc.

A violência costuma ser praticada por aqueles que apresentam (ou não) vários desvios comportamentais, no qual se sentem acima da maioria, são vistos como os populares da escola e tentam intimidar os menos favorecidos e vulneráveis, de fato, os adolescentes tímidos, inseguros e com poucos recursos financeiros ou com alguma deficiência, sendo tais características vistas pelos agressores como uma forma de diminuí-los, pois se mostram incapazes de se defenderem de qualquer agressão sofrida pelos agentes.

Estão envolvidos ao bullying os agressores, as vítimas e as testemunhas. Os agressores são os que praticam a violência, as vítimas são os mais fracos, aparentemente, ou que possuem diferença dos demais, dos quais não estão incluídos no grupo. Nesse sentido, as

testemunhas apenas observam as agressões, na maioria das vezes não denunciam por medo de serem as próximas vítimas.

Diante disso, o bullying ocorre com bastante frequência nas escolas. Muitas escolas não possuem um programa antibullying para prevenir os acontecimentos. No ambiente escolar os alunos estão em contato com várias pessoas de diferentes culturas classes sociais e econômica. Portanto algumas causas como o preconceito, a inveja, ou um ambiente familiar conturbado contribuem para o acontecimento do bullying nas escolas. Muitos alunos praticam violência por assistir dentro do seu próprio lar agressões e desrespeito entre a família ou por não ter sido coibido a se conter em momentos de manifestações agressivas.

As consequências para as vítimas são diversas, as crianças e adolescentes que sofrem bullying na maioria das vezes, não procuram ajuda, não falam sobre o ocorrido, devido a isso os pais e professores precisam estar atentos aos sinais indicativos que as crianças podem apresentar. Com efeito, as consequências são muito graves, causam ansiedade, insônia, vontade de não ir à escola, depressão e até mesmo, pensamentos suicidas.

Os pais podem ser prejudicados pelos atos dos filhos agressores podendo até responder na justiça, caso o praticante seja menor de idade, já os responsáveis pelas vítimas precisam estar atento aos seus comportamentos, tendo em vista que o Bullying não é brincadeira e exige uma observação maior às crianças e adolescentes até mesmo com os adultos, pois nenhum caso é excluído.

Pergunta-se todos os envolvidos principalmente os agressores, as vítimas e as testemunhas precisam de ajuda psicológica? Quais os sentimentos dos envolvidos? Acredita-se que os alunos tenham que conhecer melhor do que se trata, ou seja, entender o que realmente significa o Bullying. A escola tem um papel importante de identificar esses atos violentos no ambiente escolar? Qual seria a função dos pais diante dos acontecimentos, eles estão realmente conscientes do que acontece? Seria necessário trabalhar melhor o assunto envolvendo alunos, familiares e toda equipe que faz parte da escola, para que assim possa facilitar a identificação, no caso de um comportamento fora do normal, partindo dos alunos.

Acredita-se que a escola pode dar um passo muito importante ao aprofundar essa questão, trabalhando com os alunos e até mesmo proporcionando a elaboração de projetos da escola para a população. Pois, os pais e a comunidade também devem estar juntos na busca de prevenção do bullying, no entanto, de certa forma, não é só a escola que tem essa

responsabilidade. A redução da violência resulta em melhorias, contribuindo para o bem viver dentro e fora da escola.

### **Objetivo geral**

Conhecer o fenômeno *Bullying* e identificar possíveis práticas de violência numa escola pública do município de Piraquê entre os estudantes, do 8º e 9º ano do ensino fundamental II e 1º e 3º ano do ensino médio.

### **Objetivos específicos**

- Apresentar características e os diferentes tipos de bullying;
- Identificar fatores que contribuem para as práticas de *Bullying*;
- Analisar o comportamento dos alunos dentro do ambiente escolar;
- Avaliar a percepção dos estudantes sobre *Bullying* e a condição psicológica.

O trabalho foi desenvolvido em capítulos interligados, sendo no capítulo 1 faz-se uma abordagem do conceito de bullying, suas causas e consequências e também a cerca de quem está envolvido, os tipos de bullying e sinais que as vítimas retratam. Apresenta definições sobre bullying na sociedade e na escola. No capítulo 2, são relatadas pesquisas sobre bullying no Brasil, na sociedade e na escola. Dando sequência, o capítulo 3, relata os métodos da pesquisa e a apresentação referente aos dados obtidos a partir da pesquisa executada com os alunos na escola e as demais discussões e resultados. Portanto, finaliza o trabalho com as conclusões obtidas através da pesquisa, ressaltando que todos os envolvidos no bullying são prejudicados até mesmo os responsáveis dos autores, as vítimas e testemunhas, e principalmente a escola que recai a responsabilidade do bom exemplo e, ter a função de educar e formar cidadãos de bem.

É necessário a união da escola com a comunidade para serem realizadas ações e medidas com intuito de prevenir tais práticas de bullying, com vistas à resultados positivos na busca de melhoria da qualidade de vida de todos os envolvidos.

Neste trabalho foi realizada uma pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo de cunho quanti-quali em uma Escola pública da cidade de Piraquê-To para a coleta de dados, sendo aplicados questionários em quatro turmas, ensino fundamental II 8º e 9ºano e ensino médio 1º

e 3º ano com 20 perguntas a respeito do bullying, entre alguns dos autores que serviram de base para a pesquisa estão BEANE (2011), BERNARDO (2012), LOPES NETO (2005), MEDEIROS (2012).

## **1 BREVE CONCEITO SOBRE O TERMO BULLYING**

A palavra bullying, atualmente, ainda é pouco conhecida pela sociedade em geral. De origem inglesa e sem tradução no Brasil, é utilizada para designar atos que ocorrem no âmbito escolar, profissional e familiar, com intenção de causar dor, angústia sofrimento e desconforto aos que sofrem com os maus tratos (BERNARDO, 2012).

Dentre os comportamentos identificados estão agressões, assédios, ataques físicos, e ações desrespeitosas praticadas de forma intencional e/ou repetidas por parte dos agressores chamados também por *bullies*.

A expressão inglesa *bullying* é derivada de “bully” que significa valentão, brigão (ROLIM, 2008). O termo é usado para descrever os brigões provocadores que implicam com os menores ou mais fracos, seja do ponto de vista físico ou emocional, que são incapazes de se defender.

Por consequência, os atingidos por esse tipo de violência são sempre as crianças e adolescentes, que por alguma razão, possuem certas diferenças dos causadores do bullying, sejam elas: física, emocional, social ou econômica. No caso de adultos, em ambientes de trabalho, o termo utilizado para este tipo de violência é assédio moral.

Com efeito, há um desequilíbrio de força e poder que pode ocorrer de varias maneiras, tornando-se comum perceber tal fenômeno como resultado de uma relação em que o poder distribui-se de forma desigual, sendo, portanto, os agressores mais forte quando comparados às vítimas. Na definição de Chiorlin (2007 apud VECHI, p. 40):

O bullying é descrito como abuso de poder e esse abuso tem características ser repetitivo e intencional, podendo ocorrer em diversos contextos, como já mencionado, em locais de trabalho, escola e no próprio lar. De acordo com a autora, o bullying é um problema presente nos grupos sociais em que há uma relação clara de poder.

Além disso, o bullying deve ser observado e entendido como prática inaceitável por envolver agressividade física, verbal e psicológica no qual é exercida de maneira contínua dentro do ambiente escolar. (BANDEIRA e HUTZ, 2012). Nas palavras de autores como Porto e Wrasse (2010, p.221, apud BERNARDO, 2012, P.33):

De origem inglesa, sem tradução na língua portuguesa, refere-se a uma situação na qual um indivíduo (bully) ou grupo de indivíduos (bullies) deliberadamente atormenta, hostiliza ou molesta outro(s). Pode ser traduzido como tyrannizar, oprimir, amedrontar, intimidar, humilhar. Os estudos sobre o *bullying* escolar tiveram início na década de 70, na Noruega, Suécia Dinamarca, motivados pelo crescente número de suicídio entre crianças e adolescentes, principalmente na Europa. Em busca de suas principais causas, os pesquisadores depararam com os maus-tratos que os alunos recebiam dos colegas de escola. Profissionais da psicologia passaram, então, a estudar as formas de relacionamento estabelecidas entre os estudantes e constataram a existência de um fenômeno antigo, que, no entanto, requeria atenção e tratamento, por comprometer sobretudo o psiquismo daqueles que eram vitimizados, em especial o das crianças pequenas.

Observa-se que esta prática de violência é um desejo consciente de ferir alguém intencionalmente de forma repetida, e colocá-lo sob estresse. É possível inferir que os bullies tem a intenção de ferir suas vítimas de maneira física, verbal e psicológica, pois são inúmeras as formas de intimidar ou agredir a outra pessoa.

Infelizmente, as pessoas não podem evitar que tais sentimentos agressivos e intenções violentas surjam na imaginação, mas é possível evitar que esses sentimentos acabem se tornando realidade. Em alguns casos, a agressão verbal causa um dano maior às vítimas do que uma agressão física, assim sendo, um tipo de violência de forma destrutiva para o bem-estar emocional da criança, que a faz causar mal a si mesmo e a outras. (BEANE, 2011).

Entretanto, há vários fatores nos quais os menos favorecidos sofrem com o bullying. Ou seja, sofrem com ansiedade, ficam depressivos, passam a não querer ir à escola por medo de sofrer agressões. Por certo, que os desconfortos provocados causam uma situação traumática, afetando o desenvolvimento cognitivo e psicológico das vítimas. Diante disso as consequências são diversas, vão desde o âmbito emocional à aprendizagem, devido o fato de acontecer principalmente dentro do contexto escolar. (BERNARDO, 2012).

De fato, no *bullying* existe a intenção de prejudicar a vítima, humilhar, e tal comportamento permanece por certo tempo, no qual, o agressor se mantém com o poder que exerce sobre a vítima.



Observa-se que o bullying é sério e não deve ser tratado como brincadeira, e jamais deve passar despercebido pelos adultos tais comportamentos agressivos e maldosos. Brincadeira deixa de ser saudável quando fere, causa dor, angústia e machuca o outro. (QUINTANILHA, 2011).

Além disso, a violência sendo física ou verbal acontece de forma intencional e repetitiva, contra um ou mais alunos fragilizados, visto que, se veem incapazes de se defender. Esses comportamentos não apresentam motivos específicos, ou que se justifica. (BERNARDO, 2012).

“Isso significa dizer que, de maneira “natural”, os mais fortes utilizam os mais frágeis como meros objetos de diversão, prazer e poder, com o intuito de maltratar, intimidar, humilhar e amedrontar suas vítimas”. (BERNANRDO, 2012, p.34).

A escola tem uma grande dificuldade de identificar as práticas de bullying, devido às vítimas se calarem. Na maioria dos casos alunos testemunham atos de violência, mas permanecem em silêncio por medo de serem agredidos.

“A palavra bullying é compreendida universalmente como um conjunto de comportamentos agressivos, repetitivos e intencionais sem motivo aparente, adotado por um ou mais alunos contra outro (a) causando angústia, dor ou sofrimento”. (QUINTANILHA, 2011, p.38).

No entanto, entende-se que o bullying é um termo utilizado mundialmente para explicar atos violentos, seja físico ou psicológico que podem ser praticados por homens ou mulheres vitimizando os mais fracos. Entretanto a prática do ato causa danos não só as vítimas, mas também aos pais dos agressores, pois tais comportamentos podem ser motivados devido ao ambiente em que vive (exemplos assistidos dentro de casa).

No entanto, o jovem agressor também necessita de ajuda tanto quanto as vítimas agredidas. (BERNARDO, 2012). Na atualidade, o bullying é uma forma de violência escolar mais comum. Seus sintomas são destrutivos para o bem-estar emocional das vítimas.

Nota-se a importância, atenção e cuidado dos adultos ao perceberem algo semelhante acontecendo com as crianças ao seu redor, pois todo ato de violência é complicado e quando se prolonga por um período significativo a situação se torna severa.

Convém ressaltar que esses comportamentos vêm preocupando a sociedade, devido estarem ligados ao desenvolvimento individual e a contextos sociais, são estes, a comunidade,

a escola e a família. “Entretanto, podem ser desastrosas as consequências do *bullying*, afetando as vítimas de forma negativa, podendo provocar desde diminuição na autoestima, suicídio e até atitudes agressivas com resultados homicidas” (BERNARDO, 2012, p.35).

De fato, os praticantes do *bullying* se valem da incapacidade para infligir dano, buscam conquistar algum tipo de gratificação emocional, com tal postura, ou seja, porque pretendem alcançar alguma vantagem específica, como se apossar de objetos da vítima, ou simplesmente solidificar posições na hierarquia em um grupo no qual pertencem, objetivando aumentar a popularidade entre seus colegas.

Duas características que chamam bastante atenção em relação ao *bullying* é a do agressor e sua satisfação e a sensação de intimidação sofrida pela vítima. De acordo com Rigby (2006, Apud ROLIM, 2008, p.14) “acrescenta, ainda, duas características subjetivas para a conformação do *bullying* a satisfação do agressor ao impor sofrimento e a sensação da vítima se estar sendo oprimida”.

É importante observar que para ser caracterizado como *bullying* é necessário ser um ato repetitivo e se ter a intenção de ferir o outro, de tal forma, pode acontecer em alguns casos, em que não seja uma prática de *bullying* e sim um ato de agressão isolado. Portanto, torna-se difícil detectar suas manifestações devidas serem praticadas de diferentes maneiras. De acordo com Beane (2011):

É importante que você saiba diferenciar o *bullying* de um conflito normal. Alguns tipos de conflitos são parte da vida. Nem todo o conflito necessariamente fere, e lidar com essas situações pode ajudar o seu filho para a vida de maneira positiva. Portanto, não se precipite quando observar conflito entre seu filho e as outras crianças. (BEANE, 2010, p.17).

Por certo que nem toda agressão que acontece entre pares, é caracterizada como *bullying*. Em alguns casos pode ser que não há desequilíbrio de forças nas agressões, sendo conflitos normais entre pessoas e não permanecendo na perseguição, não é visto como *bullying*. (BERNARDO, 2012).

A responsabilidade em tratar de interromper e reduzir o *bullying* não é apenas dos professores, os pais também precisam estar atentos aos comportamentos de seus filhos. “Os pais carecem gravemente de conhecimento e habilidades quando se trata de manter seus filhos nas ruas e nas escolas” (BEANE, 2011, P.11).

Portanto, quando se trata de bullying, os pais e professores precisam estar atentos aos sinais indicativos no qual as crianças podem apresentar, pois nem sempre a criança ou adolescente decide contar aos seus responsáveis o que acontece no seu cotidiano dentro ou fora da escola. Certamente, quando os adultos possuem pouco conhecimento sobre o assunto torna-se difícil lidar com o problema.

É necessário que os pais tenham consciência de que seus filhos também podem se tornar intimidadores, ou seja, praticarem violência na escola, nas ruas, não sendo apenas as vítimas. Devem observar e procurar compreender o bullying de forma que possam contribuir ou estimular esforços para proteger seus filhos.

De acordo com Beane (2011, p. 27) “Infelizmente o bullying acontece em quase todos os lugares, nos bairros e comunidades, e nos locais de trabalho”. O bullying ocorre em diversos lugares, em casa, nas ruas, principalmente no ambiente escolar, no qual os alunos têm maior contato com outras pessoas de diferentes realidades, classes sociais e econômicas.

Logo:

É de fundamental importância distinguir o *bullying* de outras formas de comportamentos indesejados presentes no convívio escolar. Deve-se diferenciar *bullying* de brincadeiras turbulentas, nas quais se verificam sinais de prazer e diversão em todos os envolvidos; de atos de indisciplina ou insubordinação, de agressividade e de comportamentos antissociais, pois estes não envolvem atitudes persistentes de intimidação, controle e domínio contra uma vítima incapaz de defender-se das ameaças e, podem ter, ao contrário do que se verifica em situações de *bullying*, um caráter explosivo, impulsivo e emocional.

[...]

Quando não há intervenções efetivas contra o *bullying*, o ambiente escolar torna-se contaminado. Todas as crianças, sem exceção, são afetadas negativamente, passando a experimentar sentimentos de ansiedade e medo. Alguns alunos testemunhas de *bullying*, quando percebem que o comportamento agressivo não acarreta nenhuma consequência a quem o pratica, poderão também passar a adotá-lo. Quanto mais jovem a criança alvo ou testemunha de *bullying*, mais impotente ela se sentirá para pedir ajuda. O medo das ameaças dos mais fortes, a percepção de que delatar só faria aumentar a hostilidade e as gozações, ou simplesmente a interpretação social compartilhada pela maioria dos adultos, de que tudo não passa de uma brincadeira de mau gosto, acarreta a percepção de que ninguém será capaz de auxiliá-la e que só lhe resta aguentar tudo calada e sozinha. (COSTA, 2011, p.365, apud BERNARDO, 2012, P. 35).

De fato, o bullying não escolhe classe social ou econômica, acontece em escola pública ou privada, ensino fundamental ou médio. Pode ser visto em qualquer vizinhança. Está presente em grupos de crianças e jovens, em escolas de países e culturas diferentes.

O bullying ocorre durante o trânsito das crianças de casa para a escola e vice versa, porém é mais comum dentro dos limites da escola. A agressão parece ocorrer em todos os lugares, porém as áreas de alto risco são locais em que não há supervisão de adultos, onde tal supervisão é inadequada, ou onde haja falta de estrutura – áreas nas quais as crianças não tem nada para fazer ou são livres para fazer o que quiserem. Alguns locais relacionados a escola e considerados de alto risco são ônibus, paradas de ônibus, banheiros, corredores, cantinas, playgrounds, vestiários, quadras, estacionamentos, escadas, entre edifícios e até salas de aula. (BEANE, 2011, P. 28).

Nota-se que, as crianças e adolescentes sentem-se à vontade para praticarem atos de bullying em lugares no qual não estejam sendo observados por algum adulto. Como já visto, a escola é um dos locais em que mais favorece este tipo de violência, pois possui áreas em que não há supervisão ou estrutura adequada. É bastante comum ocorrer à agressão no percurso em que as crianças fazem de casa para a escola. (BEANE, 2011).

Logo, se imagina que casos assim só acontecem longe e fora da nossa realidade, o que de fato não é verdade. O bullying não afeta somente a vítima e o agressor, mas o ambiente num todo, gerando uma sensação de impunidade e insegurança de tal forma favorecendo assim a cultura do mais forte sob o mais fraco, de modo que suas vítimas fiquem sob total domínio.

Nota-se a importância do papel da escola em perceber os sinais que identificam aspectos relacionados ao bullying, para que possa melhorar a supervisão que oferece aos alunos. Cada um deve ser treinado para supervisionar sua área de modo que forneça melhores condições em situações não estruturadas.

O bullying tem se classificado em diferentes tipos e formas variadas, entre eles o tipo físico, verbal, social relacional e eletrônico mais conhecido como cyberbullying. Sendo assim é importante não minimizar tais comportamentos, pois todos podem causar danos, principalmente os que parecem apenas uma brincadeira.

No que se refere ao bullying de natureza física, de acordo com (BEANE, 2011):

- Bater, dar tapas cotoveladas e empurrões com os ombros.
- Empurrar, forçar com o corpo, colocar o pé na frente.
- Chutar.
- Tomar, roubar, danificar ou desfigurar pertences.
- Restringir.

- Beliscar.
- Enfiar a cabeça da outra criança dentro do vaso sanitário.
- Enfiar a outra criança no armário.
- Atacar com comida, cuspe e assim por diante.
- Ameaças e linguagem corporal intimidadora.

O bullying físico torna-se mais fácil ser identificado e reconhecido pelos adultos, crianças e adolescentes, pois envolve socos, chutes, pontapés, como também roubos de pertences das vítimas. No entanto esse tipo de violência passa a ocorrer com menos frequência, diminuindo de acordo com a idade. (VECHI, 2014).

Diante disso, muitas formas de bullying físico podem ser observados pelos professores, como exemplo, o ato de beliscar um colega na sala de aula, ou ter o seu material danificado pelo colega. Alguns desses acontecimentos ainda passam despercebidos aos olhos dos educadores, que na maioria das vezes estão sobrecarregados com o trabalho escolar, ou também pelo fato da vítima sentir medo de contar ao professor.

De acordo com Bandeira e Hutz (2012, p. 36) “O tipo físico envolve socos, chutes, pontapés, empurrões, bem como roubo de lanche ou material. A tendência é que este tipo de ataque diminua com a idade”.

O bullying verbal acontece quando ocorre um ou mais desses exemplos de comportamentos: “Apelidos ofensivos. Comentários insultuosos e humilhantes. Provocação repetida. Comentários racistas e assédio. Ameaças e intimidação. Cochichar sobre as crianças pelas costas.” (BEANE, 2010, p.21).

Entretanto, o bullying de natureza verbal pode gerar consequências mais graves do que as outras formas de agressões, pois as práticas não são visíveis, o que adocece é a saúde emocional da vítima, não deixa marcas físicas, os danos são apenas psicológico o que é ainda pior. Geralmente quem convive com as vítimas na maioria das vezes não sabe identificar os sinais de bullying. De acordo com Rolim (2008, p. 9):

Embora existam referências bem mais antigas sobre o fenômeno, o interesse pelo “bullying” começou ao final dos anos 70, nos países escandinavos, sendo os trabalhos pioneiros do professor Dan Olweus, sem dúvida, os mais influentes. Em 1983, três adolescentes noruegueses cometeram suicídio em circunstâncias que autorizavam plenamente a hipótese de que as tragédias estavam associadas a vitimização por “bullying”. O ministério da educação solicitou a Olweus, então, uma ampla pesquisa sobre o tema e um programa específico “antibullying”.

As crianças que sofrem bullying são maltratadas com bastante frequência, que na maioria das vezes não tem tempo para se recuperar dos traumas anteriores, afetando o psicológico tornando difícil a sua vida e o relacionamento com as pessoas no qual convive.

Segundo Rolim (2008, p.9) ”Estudos recentes mostram uma preocupante tendência de aumento na incidência do fenômeno. Independente desta avaliação, parece evidente que o fenômeno tem sido normalmente desconsiderado no Brasil”

Muitos são os autores que apontam o bullying como um dos problemas existentes mais graves nas escolas do mundo. No entanto as formas de violência que as crianças e os adolescentes sofrem seguem em larga medida, ainda são desconhecidas ou subordinadas em boa parte do mundo.

De acordo com a autora Silva (2010<sup>a</sup> apud BERNARDO, 2012, P. 36, 37), a classificação das formas de *bullying* pode ser:

- **Verbal** (insultar, ofender, xingar, fazer gozações, colocar apelidos pejorativos, fazer piadas ofensivas, “zoar”);
- **Físico e material** (bater, chutar, espancar, empurrar, ferir, beliscar, roubar, furtar ou destruir pertences da vítima);
- **Psicológico e moral** (irritar, humilhar e ridicularizar, excluir, isolar, ignorar, desprezar, aterrorizar e ameaçar, chantagear, perseguir, difamar);
- **Sexual** (abusar, violentar, assediar, insinuar);
- **Virtual ou cyberbullying** (*bullying* realizado por meios de ferramentas tecnológicas: celulares, internet, máquinas fotográficas, filmadoras, etc.).

Conforme Beane (2011):

As crianças intimidam as outras por uma serie de razões. Às vezes são impulsivas e destratam um colega sem pensar em suas ações ou consequências. Frequentemente, querem dominar os outros, exercer poder e controle sobre outras crianças para prejudicá-las. Elas gostam de se sentir grandes aos olhos de suas iguais. Porém, elas podem buscar avançar continuamente seu status (BEANE, 2011, p.24).

Algumas crianças procuram intimidar outras pelo fato de terem mais problemas com os familiares do que a média, e desejam descontar a raiva e as frustrações nos outros. Dessa

forma as crianças procuram e escolhem aqueles alunos mais fracos que elas. Assim, não demonstram nenhuma solidariedade por suas vítimas.

O fenômeno bullying em algumas situações é na maioria das vezes banalizado, sendo considerado apenas um simples comportamento de um grupo de alunos que se justifica como brincadeiras, sem grandes consequências. (BERNARDO, 2012).

Certamente o bullying verbal, na maioria das vezes, pode ser tão doloroso quanto o tipo físico. Prejudica o psicológico da vítima causando problemas emocionais que podem se prolongar ao longo da vida. “Quando você xinga alguém, não parece ferir essa pessoa, mas isso a machuca por dentro. Beane” (2011, p. 21).

Para BEANE (2011) são exemplos de bullying de natureza verbal:

- Apelidos ofensivos
- Comentários insultuosos e humilhantes.
- Provocação repetida.
- Comentários racistas e assédio.
- Ameaças e intimidação
- Cochichar sobre a criança pelas costas.

Muitas vezes o bullying verbal ocorre junto com a agressão física, além disso o racismo também está relacionado ao bullying, neste caso, as crianças sofrem deboches por causa da cor de sua pele.

De acordo com Lopes Neto (2005, p. 65) “Tanto o bullying como a vitimização têm consequências negativas imediatas e tardias sobre todos os envolvidos agressores, vítimas e observadores”.

Outro modelo de bullying é o relacional e social, que de fato é um tipo de agressão que os pais dificilmente pensam que pode acontecer, pois quando imagina o bullying a maioria tem em mente maus tratos físicos e verbais.

De acordo com Beane (2011), tem-se bullying social e relacional como.

- Destruir e manipular relacionamentos (por exemplo, jogando melhores amigos um contra o outro).
- Destruir reputações (fofocar, espalhar rumores maliciosos).

- Excluir o indivíduo de um grupo (rejeição social, isolamento).
- Constrangimento e humilhação.
- Linguagem corporal negativa, gestos ameaçadores.
- Pichação ou bilhetes com mensagens ofensivas.
- Cyberbullying (feito em páginas da web, e-mail, mensagens de texto e assim por diante).

O cyberbullying tem sido observado com uma frequência cada vez maior pelas pessoas, pois com o crescimento da tecnologia se torna mais fácil ser praticado. Trata-se da tecnologia da informação e comunicação em aparelhos eletrônicos como celular, computador, no qual a grande maioria das pessoas, passa um longo período do dia conectadas à internet, uns usam como ferramenta de trabalho e outros por mera distração.

O cyberbullying está se tornando mais popular porque são necessários alguns toques no teclado de um computador para divulgar informações dolorosas e destrutivas de forma anônima, acessível por milhares de pessoas. O cyberbullying intensifica na vítima a sensação de que não há saída. Portanto, pode ser mais destrutivo e doloroso do que as outras formas de intimidação. As consequências para as vítimas são devastadoras. Quando o cyberbullying ocorre após anos de maus-tratos, algumas vítimas se tornam depressivas e suicidas. (BEANE, 2011, P. 131-132).

Muitas pessoas usam a internet para ferir e maltratar pessoas, sem ter consciência da gravidade causada pelas consequências provocadas pelos ataques maldosos. Nos aplicativos de aparelhos eletrônicos existem grupos de mensagens, que envolvem várias pessoas desconhecidas, que podem influenciar os participantes tanto para coisas boas quanto para coisas ruins, e muitos não sabem lidar com tais situações.

Desse modo, os danos são devastadores, pois na maior parte do tempo a vítima não percebe que está sendo usada pelo intimidador. Entretanto, é uma das formas mais perigosas de cyberbullying, podendo um adulto se envolver com criança sem perceber que está lidando de fato com uma criança, as vezes se faz de vítima para causar problemas com a mesma, nesse caso o intimidador faz com que a vítima seja culpada.

Desse modo, o cyberbullying surge de várias formas, conforme Beane (2011) são exemplos.

- Espalhar fofocas, rumores maliciosos e mentiras.



- Postar fotos e vídeos difamatórios na web.
- Enviar e-mails cruéis, maliciosos e feio.
- Manda códigos maldosos.
- Mandar pornografia e outras mensagens instantâneas e eletrônicas de conteúdo reprovável.
- Fazer-se passar pela vítima.
- Mandar piadas severas.
- Postar fotos ou informações constrangedoras.
- Criar sites com o proposito de humilhar e constranger alguém.

Complementando, Silva (2010b, p.138), coloca que:

Qualquer pessoa submetida ao *cyberbullying* sofre com os níveis elevados de insegurança e ansiedade. Quando as vítimas são crianças ou adolescentes, as reações são muito mais intensas e as repercussões psicológicas e emocionais podem ser infinitamente mais sérias. Especialmente nos adolescentes, que estão vivenciando uma fase de profundas mudanças cerebrais, os ataques de “*bullying* virtual” podem se constituir em fator desencadeante de diversas doenças mentais.

No que se refere às práticas de bullying, algumas características físicas ou emocionais podem tornar alguém mais vulneráveis aos ataques dos autores, que ocasiona a dificuldade de aceitação do grupo. (LOPES NETO, 2005).

“É pouco comum que a vítima revele espontaneamente o bullying sofrido, seja por vergonha, por temer retaliações, por descreer nas atitudes favoráveis da escola ou por recear possíveis críticas”. (LOPES NETO, 2005, p. 67).

Alguns alunos sentem vergonha de contar aos adultos ao sofrer intimidação, devido o fato de sentirem-se incapazes de se defender sozinhos. Outros não contam para não preocupar os pais ou para que a situação não fique ainda pior.

Algumas crianças não contam aos adultos porque temem que o envolvimento desses adultos possa tornar a situação ainda pior. Esse medo às vezes é justificado. Por exemplo, às vezes, quando o pai de uma vítima procura o pai de um agressor, ele provoca a vítima: “Sua mãe ligou para a minha ontem à noite bebeção,” Outro exemplo é quando uma criança conta a um professor na escola, e o professor adverte o intimidador sem muita convicção – quase em tom de brincadeira –, porque acredita que a vítima é fraca. Ao sentir o apoio indireto de um adulto, o agressor intensifica seus ataques. (BEANE, 2011, P.34).

Nota-se que as vítimas não se sentem seguras para relatar o problema, ou seja, o ataque sofrido aos professores da escola e aos responsáveis. No entanto, só a partir do momento em que percebem que serão valorizados e respeitados é que passam a sentir-se acolhidos para serem ouvidos. É importante conscientizar as crianças e os adolescentes que o bullying não será tolerado, assim sendo, contribuirá para redução do problema.

## **1.1 Alvos de bullying**

Os alvos têm sua participação ao bullying, são eles as vítimas, no qual sofrem as agressões. Geralmente são mais frágeis que o agressor, eles possuem características que os diferencia, de alguma maneira, da massa de alunos, o que os torna fácil de ser identificados como fracos ou inferiores, incapaz de apresentar defesa.

Considera-se alvo o aluno exposto, de forma repetida e durante algum tempo, às ações negativas perpetradas por um ou mais alunos. Entende-se por ações negativas as situações em que alguém, de forma intencional e repetida, causa dano, fere ou incomoda outra pessoa. (LOPES NETO, 2005, P. 67)

Segundo as orientações de Lopes Neto (2005), o alvo de bullying é alguém pouco sociável e que sente-se incapaz de se adequar ao grupo. É inseguro, possui baixa auto-estima devido os comentários dos adultos sobre sua vida e seus comportamentos, no qual dificulta a possibilidade de ajuda. Ou seja, o alvo muitas das vezes, tem poucos amigos, é retraído e sofre com o medo, vergonha, ansiedade e depressão, sendo infeliz por ter a autoestima tão comprometida a ponto de acreditar ser merecedor dos atos maldosos que sofre.

### **1.1.1 As vítimas**

As vítimas podem sofrer agressões de todas as formas de bullying, tais agressões podem ocorrer tanto na instituição de ensino quanto fora dela, nas ruas na vizinhança ou na própria casa. No entanto, existem algumas classificações sobre as vítimas, sendo elas, vítimas típicas, vítimas provocadoras e vítimas agressoras.

Silva (2010b, p.37), nos ensina que há três tipos de vítimas no fenômeno bullying:

**Vítimas típicas** são os alunos que apresentam pouca habilidade de socialização. Em geral, são tímidas ou reservadas, e não conseguem reagir aos comportamentos provocados e agressivos dirigidos contra elas. Geralmente são mais frágeis fisicamente ou apresentam “marca” que as destaca da maioria dos alunos: são gordinhas ou magras demais, altas ou baixas demais; usam óculos; são “caxias”, deficientes físicos; apresentam sardas ou manchas na pele, orelhas ou nariz um pouco mais destacados; usam roupas fora de moda; são de raça, credo, condição socioeconômica ou orientação sexual diferentes... Enfim, qualquer coisa que fuja ao padrão imposto por um determinado grupo pode deflagrar o processo de escolha da vítima do *bullying*. Os motivos (sempre injustificáveis) são os mais banais possíveis. Normalmente essas crianças ou adolescentes “estampam” facilmente as suas inseguranças na forma de extrema sensibilidade. Passividade, submissão, falta de coordenação motora, baixa autoestima, ansiedade excessiva, dificuldades de se expressar.

As **vítimas provocadoras** são aquelas capazes de insuflar em seus colegas reações agressivas contra si mesmas. No entanto, não conseguem responder aos revides de forma satisfatória. Elas, em geral, discutem ou brigam quando são atacadas ou insultadas.

Nesse grupo geralmente encontramos crianças ou adolescentes hiperativos e impulsivos e/ou imaturos, que criam sem intenção explícita, um ambiente tenso na escola. Sem perceberem, as vítimas provocadoras acabam “dando tiro nos próprios pés”, chamando a atenção dos agressores genuínos. Estes por sua vez, se aproveitam dessas situações para desviarem toda a atenção para a vítima provocadora. Assim, os verdadeiros agressores continuam incógnitos em suas táticas de perseguição.

Já a **vítima agressora** faz valer os velhos ditos populares “bateu, levou” ou “tudo que vem tem volta”. Ela reproduz os maus-tratos sofridos como forma de compensação, ou seja, ela procura outra vítima ainda mais frágil e vulnerável, e comete contra esta todas as agressões sofridas. Isso aciona o efeito “cascata” ou de círculo vicioso, que transforma o *bullying* em um problema de difícil controle e que ganha proporções infelizes de epidemia mundial de ameaça a saúde pública.

No que se refere ao grupo das vítimas típicas, estão incluídas as que se mostram aparentemente frágeis, elas se destacam por suas características, ou seja, são tímidas, pouco sociáveis, possuem outras diferenças, algumas são magras demais ou gordas. Os bullies identificam essas vítimas por observarem suas características e as identificam como inferiores aos outros. Essas vítimas por serem muito reservadas não possuem capacidade para se defender dos ataques.

As vítimas provocadoras são capazes de atrair os agressores contra elas mesmas, pois tentam revidar com brigas e discussões. Mas as provocações não acontecem como elas imaginam, acabam por criar uma situação desagradável na qual quem sai prejudicadas são elas por não conseguirem ter resultado nas provocações, e os agressores aproveitam a situação para saírem ilesos sem culpa alguma.

Além disso, as vítimas agressoras procuram fazer com outras vítimas o que fizeram com elas, insatisfeitas por sofrer agressões buscam pessoas ainda mais frágeis para causar

tormento agredindo-as. Diante disso, a saúde emocional das vítimas é agravada por essa realidade que vivenciam.

Desse modo, o tempo de duração das agressões pode comprometer o agravamento dos efeitos causados. O medo e a preocupação com sua imagem acabam afetando o desenvolvimento escolar, além de provocar ansiedade, insegurança, contribui de forma negativa sobre o conceito que a pessoa tem de si mesmo. (LOPES NETO, 2005).

Segundo Beane (2011), são sinais indicativos de que uma pessoa é vítima de bullying.

- Tem dificuldade de concentração na aula e se distrair com facilidade.
- Quer fazer um caminho diferente para ir à escola ou usar um meio de transporte diferente.
- Demonstra súbita falta de interesse em atividades e eventos promovidos pela escola.
- Tem queda repentina nas notas.
- Parece feliz aos finais de semana, mas infeliz, preocupado e tenso na segunda-feira.
- Exibe linguagem corporal de “vítima” como ombros encurvados, cabeça baixa, não olha as pessoas nos olhos e se afasta dos outros.
- De repente prefere a companhia dos adultos.
- Tem doenças frequentes (dor de cabeça, dor de estômago, dores generalizadas) ou finge enfermidades.
- Sofre de fadiga.
- Tem pesadelos e insônia.
- Volta para casa com ferimentos e hematomas inexplicáveis.
- De repente desenvolve gagueira ou dificuldade para falar.
- Exibe alteração nos padrões de alimentação.
- Parece excessivamente preocupado com a segurança pessoal; investe muito tempo e esforço pensando e se preocupando em chegar e andar na escola com segurança (almoçar, ir e voltar do recreio, ir ao banheiro, levar o material ao armário e assim por diante).
- Fala sobre evitar certas áreas da escola.

- Carrega equipamentos de proteção, como uma faca, abridor de latas, garfo ou arma.
- Pede dinheiro extra com frequência (supostamente para o lanche, material escolar e coisas afins).
- Seus bens são constantemente “perdidos”, danificados ou destruídos sem explicação.
- Tem uma súbita mudança no comportamento (molha a cama, rói unhas, apresenta tiques e assim por diante).
- Chora com facilidade ou de forma assídua, fica emocionalmente perturbado e tem alteração extremas de humor.
- Chora até dormir.
- Culpa-se por problemas e dificuldade.
- Diz sempre ser alvo de deboche, provocação, humilhação, riso ou vítima de empurrões.
- Queixa-se de ameaças, chutes, agressões ou outras formas de ataques físicos (o que merece sua atenção imediata).
- Fala sobre alunos que mentem a respeito dele, fofocam e o excluem do grupo.
- Reclama que não é capaz de se defender sozinho.
- Pensa em abandonar a escola.
- De repente, começa a intimidar outros estudantes ou irmãos.
- Torna-se abertamente agressivo, rebelde e irascível.
- Apresenta repentina perda de respeito por figuras de autoridade.
- Procura amigos errados nos lugares errados.
- Forma ou ingressa em um culto ou outro grupo suspeito.
- Tem um súbito interesse por filmes, videogames e livros violentos.
- Pensa em fugir.
- Sente-se deprimido.
- Fala sobre o tema suicídio.

Os sinais de que uma pessoa poder está sendo vítima de bullying são diversos, não quer dizer que se uma criança ou adolescente apresentar alguns desses sinais ela seja vítima

de bullying, mas se for observada uma grande quantidade dos sinais citados acima e permanecer por um determinado tempo é necessário que os pais e professores se atentem para intensificar seu envolvimento. No entanto, nota-se a gravidade de sofrer bullying, as vítimas perdem totalmente a qualidade de vida.

“Independente da maneira com que a vítima vivencia o fenômeno bullying, e das variadas nomenclaturas dadas para o seu padrão de comportamento, as consequências das agressões sofridas são graves”. (MEDEIROS, 2012, P. 32).

Os danos causados pelas agressões podem ser irreparáveis, aos estudantes, as consequências tendem a ser profundas e podem provocar problemas psicossociais, afetando o desenvolvimento estudantil da vítima e a vida social.

Nesse âmbito, alguns estudos relatam sobre métodos educativos familiares que facilitam o desenvolvimento dos alvos de bullying, como por exemplo, proteção excessiva, onde gera dificuldades para se defender e enfrentar os desafios. (LOPES NETO, 2005).

### 1.1.2 Os agressores

Tratando-se dos agressores, os mesmos se mostram agressivos e desrespeitosos, observa-se distúrbio de comportamentos, muitos são hiperativos e impulsivos. Além de não terem um bom rendimento escolar, sentem prazer em causar sofrimento as suas vítimas. Os agressores podem ser tanto meninos como meninas, não há desigualdade com relação a quem pratica o bullying.

Lopes Neto (2005, p.67), a respeito do perfil do agressor pontua que:

O autor de *bullying* é tipicamente popular; tende a envolver-se em uma variedade de comportamentos anti-sociais; pode mostrar-se agressivo inclusive com os adultos; é impulsivo; vê sua agressividade como qualidade; tem opiniões positivas sobre si mesmo; é geralmente mais forte que seu alvo; sente prazer e satisfação em dominar, controlar e causar danos e sofrimentos a outros. Além disso, pode existir um "componente benefício" em sua conduta, como ganhos sociais e materiais. São menos satisfeitos com a escola e a família, mais propensos ao absenteísmo e à evasão escolar e têm uma tendência maior para apresentarem comportamentos de risco (consumir tabaco, álcool ou outras drogas, portar armas, brigar, etc). As possibilidades são maiores em crianças ou adolescentes que adotam atitudes antissociais antes da puberdade e por longo tempo.

Os agressores possuem características de desrespeito, maldade, tem poder de liderança que, em geral, é adquirido através do assédio psicológico ou da força física. Dessa forma,

pode agir sozinho ou em grupo. Quando o agressor está acompanhado de seus seguidores, seu poder de maltratar ou destruir ganha forças, aumentando sua capacidade de fazer novas vítimas.

Geralmente os agressores apresentam aversão às normas, envolvendo-se em pequenos delitos, entre eles, furtos, roubos ou vandalismo e destruição do patrimônio público ou privado. Tais atos como desrespeito, falta de culpa e remorso pelas ações praticadas, podem ser observados desde 5 a 6 anos de idade maus-tratos no convívio com os irmãos, coleguinhas e animais de estimação. Silva (2010b).

### 1.1.3 As testemunhas

As crianças e adolescentes que presenciam as agressões contra outras pessoas estão envolvidas ao bullying, por mais que não queiram se envolver, o medo é um dos principais fatores que fazem com que as testemunhas procurem se manter afastadas e não denunciar o ocorrido.

“A maioria dos alunos espectadores, conhecidos como testemunhas, procuram se manter afastados dos envolvidos nos atos de *bullying*, onde não deixam de ter sua parcela de participação”. (BERNARDO, 2012, p. 39).

As testemunhas são aquelas que presenciam a violência dos agressores contra a vítima, não se envolvem diretamente em bullying. Algumas testemunhas se sentem mal ou triste por não ser a favor das agressões, mas a maioria não sabe oferecer apoio a vítima, por medo de sofrer com os maus-tratos dos colegas ou medo de piorar a situação. Dessa forma acabam tendo participação no bullying de forma indireta.

Silva (2010b, p.45-46), sobre o tema, ensina:

São aqueles alunos que testemunham as ações dos agressores contra as vítimas, mas não tomam qualquer atitude em relação a isso: não saem em defesa do agredido, tampouco se juntam aos agressores.

Podemos dividir os espectadores em três grupos distintos:

**Espectadores passivos**, em geral assumem essa postura por medo absoluto de se tornarem a próxima vítima. Recebem ameaças explícitas ou veladas do tipo: “Fique na sua, caso contrário a gente vai atrás de você.” Eles não concordam e até repelem as atitudes dos bullies; no entanto, ficam de mãos atadas para tomar qualquer atitude em defesa das vítimas.

**Espectadores ativos**, estão inclusos nesse grupo os alunos que, apesar de não participarem dos ataques contra as vítimas, manifestam “apoio moral” aos agressores, com risadas e palavras de incentivo. Não se envolvem diretamente, mas

isso não significa, em absoluto, que deixam de se divertir com o que vêem. É importante ressaltar que misturados aos espectadores podemos encontrar os verdadeiros articuladores dos ataques, perfeitamente “camuflados” de bons moços. Eles tramaram tudo e, agora, estão apenas observando e se divertindo ao verem o circo pegar fogo.

**Espectadores neutros**, dentre eles podemos perceber os alunos que, por uma questão sociocultural (advindos de lares desestruturados ou de comunidades em que a violência faz parte do cotidiano), não demonstram sensibilidade pelas situações de *bullying* que presenciam. Eles são acometidos por uma “anestesia emocional”, em função do próprio contexto social no qual estão inseridos.

Referindo-se as testemunhas passivas, não são favor das agressões, mas tendem a ter bastante medo das ameaças dos bullies e não sabem o que fazer para ajudar as vítimas. Já as testemunhas ativas, podem estarem disfarçados de pessoas que fingem ser boas, mas envolvem-se de forma indireta de modo a dar apoio aos agressores com risadas e deboche, podendo até se divertir com a maldade a qual presenciam. Desse modo, têm-se as testemunhas neutras, para elas esse tipo de situação não faz diferença, pois as mesmas vivem em lares em que a violência é vista com frequência já estão acostumadas e não são capazes de se sensibilizar com práticas de bullying.

Entretanto, muitos espectadores acabam entendendo que para ser popular, a melhor forma é praticar comportamentos agressivos contra os colegas, a partir de então tornam-se autores de bullying. Tendo em vista que, na maioria das vezes, quando as testemunhas resolvem interferir e denunciar no intuito de impedir o bullying, as ações são efetivas, em alguns casos. Portanto é importante que os colegas ao presenciar atos violentos tenham coragem e iniciativa para tentar evitar e prevenir. Lopes Neto (2005)

A tentativa de impedir o bullying, partindo dos alunos, ao denunciar atos agressivos, seja ele, físico, verbal ou social é bastante útil para que a escola possa analisar o que se passa na instituição de ensino, desse modo, possa ir em busca de meios para tentar solucionar os problemas ocorridos.

A maioria dos alunos não se envolve diretamente em atos de bullying e geralmente se cala por medo de ser a “próxima vítima”, por não saberem como agir e por descrerem nas atitudes da escola. Esse clima de silêncio pode ser interpretado pelos autores como afirmação de seu poder, o que ajuda a acobertar a prevalência desses atos, transmitindo uma falsa tranquilidade aos adultos. (LOPES NETO, 2005, P.67).



### 1.1.4 Possíveis causas de bullying

No que se refere às causas de bullying, um dos fatores importantes é o preconceito, que ocorre de acordo com uma situação específica ou grupo de pessoas, havendo julgamentos sobre outras pessoas tendo como base diferenças humanas, ou seja, aparência física, modo de falar e comportamentos (BEANE, 2011).

De acordo com Beane (2011), as crianças desde cedo decidem de quem devem gostar, desse modo discriminam e repetem padrões de comportamentos da sociedade com relação aos negros, gordos, mulheres etc. Por isso debocham, criticam, rejeitam e assediam esse tipo de pessoa formando uma barreira entre elas com atitudes precipitadas sem conhecer os fatos.

Segundo (BEANE, 2011, P. 46-47).

Infelizmente, muitos indivíduos e grupos culturalmente diferentes enfrentam alienação diariamente em suas escolas. Conheci vários estudantes que dizem ter sido vítimas de bullying porque eram religiosos e se empenhavam em seguir seus padrões. Eles eram isolados, debochados e sofriam abuso físico e verbal por se recusarem a participar de atividades que contrariavam suas crenças e os estilos de vida que desejavam criar e manter. Uma estudante da florida foi tão atormentada por se vestir de acordo com suas crenças religiosas que cometeu suicídio.

Outro fator, que se destaca como motivador para o bullying, principalmente entre as meninas, é a inveja e o ciúme. Desse modo, as meninas sentem-se enfurecidas com uma garota que é atraente entre os garotos. Essas meninas podem sentir muita inveja e buscam maltratar e ferir a garota que é popular. Sendo assim, as crianças procuram atacar as outras. (BEANE, 2011).

As causas de bullying podem residir nos modelos educativos a que são expostas as crianças, nas ausências de valores, de limites, de regras de convivência; em receber punição ou castigo através de violência ou intimidação e aprender a resolver os problemas e as dificuldades com a violência. (SÓ, 2010, P. 8).

É possível que casos de violência passem despercebidos por seus responsáveis, em que os filhos não são orientados a serem responsáveis e a resolverem problemas provocados por eles mesmos.

No entanto, outros fatores que contribuem para o bullying é a vingança, por não ter recebido o que queria dos pais ou por não ser compreendidos, também por terem

sido maltratado pelos colegas, o medo de ser rejeitado, medo de exposição, de perder o que tem. (BEANE, 2011).

### 1.1.5 Consequências do Bullying

As consequências são tanto para as crianças e adolescentes quanto para a escola e as famílias, pois os prejuízos financeiros e sociais atingem a todos. As Crianças e adolescentes os que praticam ou sofrem bullying necessitam de serviços múltiplos, como saúde mental, educação especial, justiça da infância e adolescência. (LOPES NETO, 2005).

As consequências dependem muito de cada indivíduo, de suas vivências, da sua estrutura, de predisposição genética e também da forma e intensidade das agressões. São as mais variadas possíveis. Em grandes ou pequenas proporções, as vítimas sofrem com as agressões de *bullying*. Muitas levarão marcas profundas oriundas dos ataques para a vida adulta, e necessitarão de apoio psiquiátrico e/ou psicológico para a superação do problema. (BERNARDO, 2012, P. 40).

Os problemas provocados pelas agressões são diversos. As pessoas que sofrem bullying tem uma possibilidade maior de ter depressão na vida adulta, baixa autoestima, dificuldade de se relacionar com as pessoas. No entanto, não é comum ver uma pessoa procurar ajuda pelos maus-tratos o que pode levá-lo a criar mais problemas fazendo escolhas destrutivas. Algumas pessoas podem tentar se refugiar com uso de drogas ou aproximando-se de amizades de má influencia, o que piora a situação.

Os problemas mais comuns são: desinteresse pela escola; problemas psicossomáticos como dor de cabeça, insônia, sudorese, tremores, tensão muscular, etc; problemas comportamentais e psíquicos como transtorno do pânico, depressão, anorexia e bulimia, fobia escolar, fobia social, ansiedade generalizada, transtorno obsessivo-compulsivo e transtorno do estresse pós-traumático. (BERNARDO, 2012, P. 40).

De acordo com Beane (2011), as vítimas de bullying tendem a sentir medo de ir para a escola, por medo e ansiedade a criança finge estar doente para fugir da escola e muitas evitam até sair de casa para evitar ser maltratadas.

O desespero é provocado por medo, raiva, estresse. Além de prejudicar o desenvolvimento escolar da vítima, esses sentimentos de impotência podem levar a depressão.

O bullying também pode complicar os danos preexistentes, devido ao tempo prolongado dos traumas e estresse que a vítima é submetida. Em casos mais avançados, podem-se observar casos de esquizofrenia, homicídio e suicídio. (SILVA, 2010a).

## **1.2 Bullying na sociedade**

Quando se trata de violência, existem outros lugares além da escola em que podem ocorrer maus-tratos contra as pessoas. Entre esses lugares estão o ambiente de trabalho, em casa, nas comunidades, nas áreas de recreação. O bullying tornou-se uma questão comum, e a comunidade deve buscar recursos para preveni-lo e detê-lo.

Além disso, muitos programas de qualidade que incentivam o envolvimento da comunidade na prevenção do bullying, na maioria das vezes não oferecem orientação necessária para os pais sobre como eles devem lidar com os agressores da vizinhança. Beane (2011).

A violência entre colegas. A violência entre chefes e subordinados. Embora a violência física também tenha sido observada, foi à violência moral, denominada assédio moral, a que mais chamou a atenção da equipe. Ela “refere-se a um comportamento ofensivo, humilhante, que desqualifica ou desmoraliza repetido e em excesso, através de ataques vingativos, cruéis e maliciosos que objetivam rebaixar um indivíduo ou grupo de trabalhadoras /es. (PALÁCIOS e REGO, 2006, P. 1).

Segundo Palácios e Rego (2006), no Brasil foi identificada através de um estudo realizado no Rio de Janeiro, a violência contra profissionais de saúde praticadas por profissionais de saúde. Nesses casos pode-se observar que prevalece a violência moral em que pessoas com cargos superiores tratam com indiferença seus subordinados. Há casos entre professor e aluno, no qual o professor trata o aluno com falta de respeito e arrogância.

A intenção de quem pratica assédio moral é menosprezar, diminuir e humilhar a outra pessoa, uma forma de bullying no ambiente de trabalho, ocorre dentro das empresas e dentro da escola não envolvendo apenas os alunos, mas também os funcionários e professores da escola.

Uma pesquisadora foi procurada por um profissional de nível superior que não havia sido selecionado na amostra para ser entrevistado e ele, chorando, agradeceu que alguém estivesse preocupado com a violência que assume a forma do assédio moral.

Dizia ele: “esta prática faz com que a gente acabe quase acreditando no que dizem da gente, de tanto que a pressão e as humilhações se repetem. (PALACIOS e REGO, 2006, P. 1).

Algumas vítimas já são convencidas que merecem passar por humilhação e serem atormentadas. Outras se sentem deficientes como seres humanos e já esperam ser maltratadas, devido à frequência dos acontecimentos desagradáveis e maldosos.

Na vida dos seres humanos, existem vários problemas em comum, um deles é o bullying. Desse modo, as ações comunitárias ligam esses indivíduos de forma que auxiliam no enfrentamento da ausência de compreensão e desrespeito do outro. (QUINTANILHA, 2011). “Faz-se necessário ampliar o nosso olhar em busca da construção de um pensamento complexo, harmônico e ético. Entendemos que a educação também tem o papel de compreender e instaurar a ética planetária”. (QUINTANILHA, 2011, P. 46).

Entende-se que a educação deve oferecer mais atenção à compreensão em todos os sentidos, entretanto existe uma enorme ausência da compreensão no ensino das escolas. Levando em consideração a importância da educação, em várias localidades há a necessidade de reforma educativa para que se estabeleçam programas de prevenção de sofrimento e de melhorias das sociabilidades.

Vivemos em uma sociedade onde não há a valorização da escuta do outro e a de si mesmo e isso reflete na escola. Compreender vai além do simples ouvir, é preciso escutar com o coração. A incompreensão fora e dentro dos muros da escola reflete a violência, como por exemplo: o bullying. Como vamos compreender o outro se não nos compreendemos? Consideramos ser um dos desafios para a educação atual, o ato da compreensão. (QUINTANILHA, 2011, P. 47)

A escola tem uma grande responsabilidade, no que diz respeito à valorização da compreensão. Nesse sentido, é um desafio para a educação atual, que as pessoas aprendam a compreender a si mesmo para depois compreender os outros. A incompreensão gera conflitos para a sociedade no qual acarreta problemas como a não solução para o bullying. Quintanilha (2011). “A compreensão atravessa o egoísmo, abraça o outro, percebe e respeita o contexto e a diversidade do outro, mas também se reconhece no diferente, pois se percebe pertencente à teia da complexidade humana”. (Quintanilha, 2011, p.47).

Visto que, um professor mais preparado, consciente de suas qualidades saberá utilizar melhor seus conhecimentos aos alunos, ao conhecer suas dificuldades poderá fortalecer e

trabalhar áreas ainda não exploradas. Pois, um professor dedicado desperta o prazer pelo conhecimento do aluno.

O processo de individuação é uma busca em prol de nos tornamos um ser único, singular, porém que não exclui o sujeito do mundo, mas aproxima o mundo do indivíduo. É através dele que a pessoa vai se conhecendo, retirando as suas máscaras sociais, as projeções lançadas anteriormente no mundo externo e integrando-as a si mesmo. A individuação difere o indivíduo, o torna mais livre e consciente das suas escolhas. (QUINTANILHA, 2011, p. 50).

Muitas escolas trabalham juntamente com os pais e com agências de cooperação para garantir a segurança da vizinhança e das crianças durante o trajeto de casa para a escola. O sistema escolar também pode treinar voluntários para participar desse programa escolar, ou seja, os adultos acompanham os alunos no trajeto para suas casas e também pelos arredores da escola. (BEANE, 2011).

Desse modo, mesmo que uma criança sofra bullying na vizinhança, fora do horário da escola, a escola ainda pode tomar providências e agir. A escola deve ser informada sobre o problema ocorrido para monitorar a interação entre os agressores e a vítima. (BEANE, 2011).

Na intenção de prover aos pais a responsabilidade sobre o desenvolvimento de seus filhos, em processos contra a família de agressores, observa-se que este pai/mãe é responsável pelas atitudes deste estudante agressor, pois os mesmos são considerados incapazes quando menores de dezesseis anos e não possuem recursos para tal ressarcimento. (MEDEIROS, 2012, p.55).

No que se refere aos comportamentos discriminatórios provocados pelos agressores, que fere a dignidade das vítimas, são violados os direitos incidindo em dano moral, portanto favorecendo a vítima a recorrer seus direitos judicialmente pelo ressarcimento dos danos sofridos. Além disso, no caso dos agressores menores de 16 anos, os pais é quem irão responder por eles na justiça em caso de ressarcir as vítimas. (MEDEIROS, 2012).

Observando os inúmeros processos movidos contra as instituições de ensino em vários países, a empresa ACE Seguradora lançou o seguro E&O *Educators (Errors & Omissions*, em inglês), que começou a ser oferecido no Brasil em 2011. Trata-se de um seguro de Responsabilidade Civil Profissional, que cobre reclamações originadas da atividade profissional do segurado, decorrentes de suas ações ou omissões involuntárias e que causam danos a terceiros. No Brasil, o seguro prevê ainda a cobertura em casos de bullying. O seguro garante o recebimento de indenização em caso de condenação por negligência em episódios que envolvem bullying, desvio de documentos do aluno e violência. O produto pode ser contratado por colégios, escolas de idiomas, universidades, entre outros tipos de instituições de

ensino, garantindo perdas financeiras devido a eventos previstos em contrato, custas da defesa e o gerenciamento de crise, além de tratamentos psicológicos das vítimas. (MEDEIROS, 2012, P. 57).

Segundo Medeiros (2012), o chefe de Responsabilidade Civil Profissional da Ace, informa que o valor a ser pago indenizado pelo seguro chega a 100 mil, podendo ter um valor maior igual a milhões de reais, isso varia de acordo com a instituição, do perfil dos alunos ou do valor que a pessoa escolheu no contrato. Nota-se que, nesse caso, as instituições de ensino poderão se sentir confortáveis perante as situações de bullying para enfrentar possíveis acontecimentos.

Nos casos infracionais, o advogado compara os atos como injúria, difamação, ameaça, lesão corporal, homofobia e racismo. Esses são analisados para verificar os que cabem no processo previsto nas leis brasileiras. Desse modo, existe uma grande dificuldade na falta de objetividade referente ao bullying, se a junção de provas não for suficiente prejudica o processo do requerente. Entretanto o advogado terá que encontrar dados sobre o que seu cliente foi vítima, no qual possa verificar a melhor solução possível para indenizar a vítima. Assim as vítimas podem processar os pais do agressor, a escola ou até mesmo o próprio agressor. (MEDEIROS, 2012).

“Vale ressaltar que esta medida, o processo judicial, deve ser a última medida a ser tomada nestas situações. A resolução do problema não estará na punição dos agressores e/ou seus responsáveis”. (MEDEIROS, 2012, p. 58).

Diante disso, esse tipo de punição deve ser usado quando não há alternativa, ou seja, em último recurso. Há outras medidas antibullying que podem ser utilizadas como: ações educacionais afetivas, o comprometimento da comunidade escolar no intuito de esclarecer o papel dos profissionais de educação, assim também como dos estudantes e da comunidade em geral.

O procedimento de punição não evita novos casos de bullying, e acaba por intervir apenas em casos já confirmados, onde a vítima foi capaz de juntar provas suficientes para o processo de indenização. Infelizmente, a realidade em casos de bullying é bem diferente, sobretudo no ato de juntar provas contra seu agressor. As vítimas sofrem durante muito tempo e não possuem, geralmente, a habilidade emocional para guardar todas as provas de que precisa. Precisamos prevenir novos casos para que estas vítimas que não possuem forças para se defenderem não venham a vivenciar as manifestações violentas do fenômeno bullying. (MEDEIROS, 2012, p.58).

Infelizmente, os casos de bullying são difíceis de serem resolvidos, o processo de juntar todas as provas necessárias para que se ganhe a causa é preocupante para a vítima. Na maioria das vezes, a mesma não se vê em condição emocional para relatar tudo que sofreu, devido seu estado emocional estar fragilizado pelos traumas provocados pelo bullying, e mais do que a busca por punição, cabe às escolas trabalharem por ações educativas, a fim de prevenir tais situações.

### **1.3 Bullying na escola**

Certamente os jovens passam boa parte do seu tempo na escola. De tal maneira que a maioria das suas interações são desenvolvidas nesse ambiente. “A ocorrência do *bullying* nas escolas pode se dar em qualquer parte, onde o agressor se sinta confortável para agir, podendo ser nos banheiros, corredores, nos pátios e até mesmo nas salas de aula na presença do professor”. (BERNARDO, 2012, p. 41).

No entanto, se observa a pouca conscientização das instituições escolares no que se refere à existência do bullying. Profissionais incapacitados, que não sabem lidar com problema, e diretores negando a realidade que acontece na própria escola. Muitas vezes, alguns professores acabam piorando a situação, agravando o caso por comodismo ou desconhecimento do que é prejudicial, no que se refere às agressões. (LOPES NETO, 2005).

O bullying tem sido tratado com mais frequência atualmente, tem ganhado espaço na mídia e assim aumentou o interesse dos profissionais da área de educação, esses educadores devem zelar para cuidar do bem-estar físico e emocional dos alunos que estão sob sua atenção no ambiente escolar. Dessa forma, os funcionários da instituição de ensino devem estar sempre atentos para identificar qualquer envolvimento com o bullying dentro da escola.

Sendo assim o colégio particular de Ceilândia foi condenado a pagar indenização de R\$ 3 mil a família do garoto que apanhava frequentemente dos colegas. No entendimento da Turma, o caso demonstra que houve, no mínimo, descuido por parte dos funcionários do colégio. Segundo os Desembargadores, ao receber estudante menor, confiado ao estabelecimento de ensino da rede oficial ou particular, a escola é revestida do dever de guarda e preservação da integridade física do aluno. ((BERNARDO, 2012, p.42).

Entende-se que a escola no geral, incluindo todos os profissionais que nela trabalham precisa trabalhar em conjunto, pois o bullying não ocorre em um lugar específico, mas em qualquer local dentro da escola onde o agressor se sinta a vontade para praticar a agressão. “As crianças dividem o ambiente escolar, mas cada uma vem de um lar diferente, com costumes diversos, por isso a função da escola se torna essencial, pois ela é o ponto de encontro de muitas personalidades em formação”. (BERNANRDO, 2012, P.43).

De fato, o professor tem uma tarefa muito importante e complexa, pois não é fácil trabalhar todos os dias com vários alunos de histórias de vidas distintas. Diante disso, se faz necessário o envolvimento da família dos alunos com a escola, pois é através dele que muitos obstáculos são vencidos. Os pais deveriam ter uma participação maior, não apenas em eventos formais como reuniões.

Na educação brasileira, muitos são os problemas que estão presentes, sendo precário o quadro educacional do país. Na estrutura educacional brasileira, são recebidos baixos salários praticamente por todos os que atuam na educação, há professores frustrados que deixam de exercer com profissionalismo sua função ou esbarram também nas diárias dificuldades da realidade escolar, além dos pais que não participam da educação dos filhos entre outros agravantes. (BERNANRDO, 2012, p. 43).

Entretanto, a educação no Brasil enfrenta alguns problemas, além da falta de estrutura, os educadores trabalham desmotivados em função dos baixos salários, falta de reconhecimento, baixa estrutura institucional etc. O ensino não tem alcançado os aspectos básicos da aprendizagem.

Mas há de se falar em diferença no tocante a qualidade e ao desempenho de ensino, onde comparando a escola pública e a particular, esta última sofre uma pressão tanto do mercado quanto dos pais, pois os mesmos estão pagando e exigem um resultado melhor. O que leva a escola a cobrar mais dos professores, resultando de tal forma em uma melhora nos níveis dessa educação, mesmo que de maneira não tão satisfatória, no que se refere a qualidade. Ainda assim, no setor particular, seus dados acabam sendo melhores que os do setor público. (BERNARDO, 2012, p. 46).

A escola e a família são os pilares principais na construção de valores, possuem uma capacidade vital no desenvolvimento do aluno. Pois, os pais conhecem a personalidade de seus filhos desde a infância, deve haver uma verdadeira autoridade na relação entre pai-filho e professor-aluno. (SÓ, 2010).



De acordo com Só (2010), a família junto com a escola tem uma missão muito importante, em proporcionar aos educandos um ambiente escolar rico em harmonia, que possa, de alguma forma, contribuir na formação de pessoas melhores, em seres humanos autênticos, participativos elevando sua autoestima. Desse modo, as pessoas passarão a se amar mais e a se cuidar, de forma que se aceitem e se respeitem. “A agressividade nas escolas é um problema universal. O bullying e a vitimização representam diferentes tipos de envolvimento em situações de violência durante a infância e adolescência”. (LOPES NETO, 2005, p. 65).

O termo violência escolar diz respeito a todos os comportamentos agressivos e anti-sociais, incluindo os conflitos interpessoais, danos ao patrimônio, atos criminosos, etc. Muitas dessas situações dependem de fatores externos, cujas intervenções podem estar além da competência e capacidade das entidades de ensino e de seus funcionários. Porém, para um sem número delas, a solução possível pode ser obtida no próprio ambiente escolar. (LOPES NETO, 2005, p.).

A escola é muito importante para as crianças e adolescentes, e os que não tem muito apreço por ela, tem uma grande possibilidade de apresentar desempenho não satisfatório, podem adquirir sentimentos de insatisfação com própria vida, sem compromissos físicos e emocional com a saúde. (LOPES NETO, 2005).

Nesse sentido, de acordo com Venosa (2011, p.105, apud BERNARDO, 2012, P. 50).

[...] Enquanto o aluno se encontra no estabelecimento de ensino e sob sua responsabilidade, este é responsável não somente pela incolumidade física do educando, como também pelos atos ilícitos praticados por este a terceiros ou a outro educando. Há um dever basilar de vigilância e incolumidade inerente ao estabelecimento de educação que, modernamente, decorre da responsabilidade objetiva do Código de Defesa do Consumidor. O aluno é consumidor do fornecedor de serviços, que é a instituição educacional. Se o agente sofre prejuízo físico ou moral decorrente da atividade no interior do estabelecimento ou em razão dele, este é responsável. Responde, portanto, a escola, se o aluno vem a ser agredido por colega em seu interior ou vem a acidentar-se em seu interior. Pode até mesmo ser firmada a responsabilidade civil, ainda que o educando se encontre fora das dependências do estabelecimento: imaginemos a hipótese de danos praticados por aluno em excursão ou visitas organizadas, orientada ou patrocinada pela escola. Nesse caso, o dever de vigilância dos professores e educadores é ambulatorio, isto é, acompanha os alunos.

Em relação ao aluno menor, a escola se torna responsável por qualquer dano causado, ou seja, qualquer agressão, acidente provocado pelos alunos, professores, funcionários ou até mesmo por alguém que esteja apenas visitando a instituição. (BERNARDO, 2012).

No entanto, todos desejam que o ambiente escolar seja seguro e saudável, no qual as crianças e adolescentes possam ter o direito e a liberdade de desenvolver suas capacidades intelectuais e sociais. Portanto, não é permitido que sofram violências que lhes causam danos físicos e psicológico, que sejam testemunhas de agressões ou acabem também agredidos ou, pior ainda, que diante da omissão dos adultos adquiram comportamentos agressivos. Lopes neto (2005).

Para combater o *bullying* em todo o território nacional, a Lei nº 13.185 prevê alguns objetivos a serem contemplados no programa de combate ao mesmo, como: prevenir e combater o *bullying*; capacitar professores e equipe pedagógica; realizar campanhas educativas, informativas e de conscientização; integrar os meios de comunicação de massa com as escolas e sociedade nesse processo. Além destes objetivos, prevê outros que podem ser considerados um avanço, como: estabelecer ações de orientação para pais, familiares e responsáveis; fornecer assistência psicológica, social e jurídica para os alvos e para os autores de *bullying*; fomentar a cidadania, a empatia e o respeito mútuo; evitar, o máximo possível, a punição dos agressores, primando por ações e instrumentos alternativos que visem a efetiva responsabilização pelos atos e a mudança do comportamento (BRASIL, 2015, apud, FRICK, 2016, P. 101).

A esse respeito, para libertar as escolas do *bullying*, é importante que trabalhem juntos professores, pais, funcionários e representantes da comunidade. Pois toda criança deve se sentir segura na escola. Portanto, como o *bullying* ocorre na maior parte nas escolas, um programa antibullying deve ser implementado em todas as escolas. Para tanto os pais têm um papel fundamental no incentivo da criação de um programa antibullying.

Diante disso, Beane (2011), informa algumas medidas para prevenir possíveis causas de *bullying* na escola.

- Incentive a escola de seu filho a comprar e instalar equipamentos de segurança (câmeras de vídeos, máquinas fotográficas, detectores de metal e espelhos curvos).
- Incentive a escola a contratar oficiais de vigilância e segurança; eles podem ajudar na supervisão das áreas de alto risco e desenvolver relacionamento significativo com os alunos.
- Peça a escola para repensar a função dos orientadores ou contratar outros, de maneira que eles possam aconselhar e orientar melhor os

alunos com problemas. Muitos estão bastante envolvidos com processo didático e costumam visitar as salas de aula para falar sobre bullying.

- Peça à escola que estabeleça um sistema para apagar das paredes pichações ofensivas ou agressivas. O responsável por isso, seja ele quem for, deve manter um registro dos comentários que degradam ou ameaçam a segurança dos alunos.

De acordo com Lopes Neto (2005), a relação familiar pode ser seriamente afetada, se a criança ou o adolescente sentir-se sem apoio, caso seus pais não acreditem em seus relatos. Portanto, é necessário que os pais estejam presentes a todos os sinais indicativos de bullying.

Os pesquisadores também têm apontado para o desenvolvimento de ações que incidam sobre todos os envolvidos - alvos, autores e testemunhas, afinal, não somente os alvos precisam de atenção, mas os autores e testemunhas precisam rever suas ações. Por isso, precisamos ir além de medidas punitivas para os autores e implantar ações que permitam a mudança do comportamento desrespeitoso e que contribuam para tornar as relações interpessoais, entre todos os membros da comunidade educativa, mais solidárias, cooperativas, justas e respeitadas. (FRICK, 2016, p. 101).

O ambiente escolar não se limita apenas em um cenário de aprendizagem de conteúdos, mas também de reelaboração de significados da vida e do mundo. Deve-se considerar que professores e alunos são sujeitos socioculturais, envolvidos em participações cotidianas que definem as normas e os conteúdos transmitidos pelas instituições. (COSTA e SILVA, 2016).

A criança ao entrar na escola tem seu convívio social ampliado consideravelmente. Nela, a criança tem a oportunidade de interagir com pessoas de contextos completamente diferente do seu convívio, de classes sociais ou religiões diferentes.

Dessa forma, ao longo da infância e da adolescência, os relacionamentos firmados no interior da escola são fundamentais na definição da ideia de “eu”, da imagem que o aluno tem de si, de suas opiniões, aspirações e sua postura perante a sociedade. Por estar inserida no contexto social e vivenciá-lo em seu interior, a escola reproduz e resinifica de identidade e comportamento que podem estar em conformidade ou não com as práticas aceitas socialmente e defendidas publicamente como moralmente corretas. Esses padrões podem interferir profundamente na construção da identidade do aluno e afetar sua personalidade e suas atitudes por toda a vida. (COSTA E SILVA, 2016, p. 6).

Certamente quando se tem práticas de bullying numa instituição, isso mostra a incapacidade da instituição de promover de certa forma um ambiente escolar de convívio saudável entre os alunos, entendendo-se que a instituição possui problemas organizacionais que, no qual o bullying é uma das facetas visíveis. (COSTA E SILVA, 2016).

## 2 PESQUISAS SOBRE BULLYING NO BRASIL

Atualmente o bullying tem sua presença constante na sociedade, o assunto é abordado por telenovelas, jornais, livros, sites especializados, campanhas educativas, pesquisa etc. Desse modo, tal fenômeno, é retratado como uma forma de violência, ou mesmo, como algo universal, pois atinge as escolas de todo o mundo. (SOUSA, 2015).

No Brasil, as discussões sobre o bullying são ainda mais recentes. As primeiras pesquisas acadêmicas e artigos científicos, em diferentes áreas do conhecimento, sobre o assunto são de 2004 e 2005, respectivamente, conforme pesquisa realizada (SOUSA, 2014, apud, SOUSA, 2015, p.28).

Na maioria dos estudos sobre o bullying, é refletido como algo que já existe há bastante tempo nas instituições de ensino de todo o mundo, ou mesmo, como uma forma de violência que na maioria das vezes é invisível. Além disso, nesses estudos é feita uma relação entre bullying e instituições de trabalho. Algumas pessoas o relacionam a assassinatos em escolas, mesmo que isso não seja comprovado através de dados sistematizados. (SOUSA, 2015).

Em relação às consequências das possíveis agressões, encontram-se no material revisto, fatos sobre a ocorrência de danos sendo eles físicos ou psicológicos, como desenvolvimento de traumas, distúrbio de personalidade, doenças psicossomáticas, outros declara que nesses casos graves o bullying resultaria em suicídio. Sousa (2015).

Embora o bullying seja bastante difundido nas mídias sociais e estudado em outros países há mais de 4 décadas, os estudos no Brasil datam no fim da década de 90 e início no ano 2000. (PIGOZI E MACHADO, 2015).

No Brasil, já ocorreu casos com consequências gravíssimas como homicídio e suicídio, isso tem sustentado notícias na mídia que foram bastante divulgados. Um dos casos foi o massacre de Realengo em 2011, uma tragédia, devido uma vingança por bullying, um ex-aluno atirou em 12 crianças de uma escola, as 12 morreram, em seguida o atirador suicidou-se. (PIGOZI E MACHADO, 2015).

Já em 2010, outro caso trágico, um jovem foi vítima de homicídio por arma de fogo em Porto Alegre, aparentemente num suposto caso de bullying. Em 2009 na cidade de Guarulhos, uma menina vítima de bullying foi brutalmente espancada na rua por outra menina

até perder a consciência, como se não bastasse tamanha crueldade, outros adolescentes filmaram tudo e riam. (PIGOZI e MACHADO, 2015).

Há uma grande necessidade imediata de compreender e buscar medidas para intervir o bullying em todos os lugares, principalmente nas escolas.

É dito ainda que os efeitos das hostilidades atingiriam não só as vítimas, mas também as pessoas próximas a elas e a sociedade em geral. Para enfrentar o *bullying*, os estudos revisados indicam uma série de medidas, com destaque para a prevenção, a qual aparece muitas vezes aliada especialmente a ações de cunho educativo. Ao lado dessas medidas, são também comuns menções à punição dos ofensores. Ao que parece distantes de uma mirada crítica sobre a construção e a ampliação do conceito de *bullying*, bem como sobre as consequências de sua difusão no campo social, a maioria dos estudos citados endossa a concepção de que ele se trata de um fenômeno presente em várias instituições, com destaque para as escolares. (SOUSA, 2015, p. 29).

Por certo, que o bullying tem maior número de acontecimentos nas escolas, alguns estudos indicam medidas para a prevenção que incluam os familiares e as escolas (BEANE, 2011). Isso inclui a preparação dos educadores em relação ao melhor conhecimento sobre essa temática e também a participação dos pais e da comunidade, no intuito de prevenir tal problema.

“Assim, diante de tais tragédias e justificativas, vêm sendo adotadas diversas medidas de combate ao bullying como, por exemplo, o policiamento dentro e fora das escolas, à instalação de câmeras e catracas, revistas a mochilas etc”. (SOUSA, 2015, p. 29).

De acordo com a autora, diante dessa problemática, é possível compreender que é necessário adotar várias medidas rígidas incluindo o policiamento e instalação de câmeras para combater as práticas abusivas no ambiente escolarizado.

Diante dessas medidas para combater a violência nas escolas, os mecanismos de controle e vigilância têm sido aumentados. De modo geral, as medidas citadas parecem ter o apoio da opinião pública, pois são adotadas a favor da proteção e segurança de todos. (SOUSA, 2015).

Nesse sentido, podem-se citar várias cartilhas produzidas no país, uma delas é a que foi lançada em 2010 pelo Conselho Nacional de Justiça (CNJ), no qual teve parte do Projeto Justiça nas Escolas, com o título de Bullying. Além de estabelecer vários comportamentos com relação ao bullying, ela relata quem são as vítimas e os agressores. Dentre os aspectos

citados na cartilha, as vítimas são descritas como pessoas vulneráveis, são introspectivas, tímidas, basicamente são definidas como pessoas que não conseguem se defender. Já os agressores são caracterizados como indivíduos egoístas e maldosos que procuram através dessas ações obter status e poder. (SOUSA, 2015).

Para isso, são analisadas as justificativas que acompanham Projetos de Leis (PLs) encaminhados à Câmara Federal de Deputados que abordam o *bullying*, bem como os pareceres emitidos pelas comissões da Câmara sobre tais propostas. O material empírico pretende demonstrar como os PLs federais, assentados na naturalização e ampla generalização do conceito de *bullying*, ensejam uma visão dicotômica sobre os indivíduos, que os separa em vítimas e agressores, ao mesmo tempo. (SOUSA, 2015, P. 31).

O consenso em volta da noção de bullying como um tipo de violência, ligada ao destaque do sofrimento da vítima e os destaques sobre os prejuízos causados a elas, vem estimulando demandas por medidas preventivas e de punição a supostas agressões.

Entretanto, a sociedade passa por violências cotidianas pelas incivilidades, humilhações, falta de respeito, palavras grosseiras verbalizadas, tais agressões tendem, muitas vezes se tornar sem importância diante dos olhos de todos.

## **2.1 Pesquisas bullying na sociedade**

Estudos sobre essa temática vem sendo feitos em vários países e apresentam prevalências variadas tanto de práticas quanto de vitimização. O estudo colaborativo da Organização Mundial de Saúde pretendeu compreender os comportamentos relacionados à saúde em escolares incluindo o bullying.

No Brasil dados da PeNSE 2009 indicaram prevalência de 5,4% de vitimização por bullying quase sempre ou sempre no mês anterior a pesquisa, em estudantes do 9º ano do ensino fundamental. A capital com maior frequência de bullying foi Belo Horizonte -MG (6,9%) e a menos foi Palmas -TO (3,5%); meninos relataram mais bullying que meninas; e não foram diferenças entre escolas públicas e privadas. (AZEREDO, 2015 p.30).

De acordo com o autor, vale ressaltar que as práticas agressivas de bullying, ocorreram em maior quantidade em Minas Gerais quando realizada a pesquisa. Entretanto, observa-se que os dados coletados nos mostram a ocorrência de tais acontecimentos entre adolescentes

na fase educacional. É interessante notar que a capital de nosso estado teve a menor taxa do Brasil

Segundo a PeNSE, Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar, outro estudo foi realizado em duas escolas públicas do ensino fundamental de Presidente Prudente -SP e foram avaliados 283 alunos, de 5ª e 8ª série, a prevalência foi de 13,9% de bullying. Em um bairro periférico nas 5ª series a prevalência foi de 17% e no bairro central foi de 12,8%. (AZEREDO, 2015).

De acordo com os dados da pesquisa, o bullying tende a ocorrer com mais frequência nos locais periféricos, onde não há estrutura adequada de moradia, e a qualidade de vida dessas pessoas é precária. E onde o índice de violência deve ocorrer com mais frequência. Desse modo, o bullying é visto como um problema de relacionamento, no qual o poder é manifestado por meio da violência.

Estudos indicam que tanto meninos quanto as meninas se envolvem em situações de violência na escola, os meninos praticam a violência física, já as meninas são propensas às práticas verbais, tipo de ações que praticam e contribui a experiências das vítimas com episódios de sofrimento psíquico. (OLIVEIRA, *et tal.*, 2015).

Em um estudo desenvolvido na Holanda, 80.770 estudantes atribuíram como motivos para o *bullying*: aparência física, comportamentos individuais, nível de desempenho escolar, deficiência física ou mental, aspectos religiosos, questões de gênero, orientação sexual e a maneira inadequada como determinados alunos lidavam com situações de punição. Nesta pesquisa, a prevalência média de estudantes identificados no envolvimento em situações de *bullying* foi de 32,5%. (OLIVEIRA, *et tal.*, 2015, p.2).

De acordo com os autores, os motivos pelo qual o bullying é praticado são basicamente os mesmo em todos os lugares, nota-se a prevalência do preconceito entre os estudantes mesmo sendo em países diferentes compreende-se que o problema relatado possui manifestações corriqueiras. Por certo que os danos provocados também causam as mesmas consequências em geral.

No Brasil, a dificuldade de problemas complexo, como bullying e preocupação com a saúde escolar, teve como resultado o surgimento em 2007 da instituição do Programa Saúde na Escola (PSE), desse modo, deu-se uma atenção integral à saúde de crianças e adolescentes durante o período escolar. (OLIVEIRA, *et tal.*, 2015).



Referente à instituição do PSE, delimita-se uma política intersetorial com atenção integral a saúde dos estudantes. De fato, as equipes de saúde buscam operacionalizar ações com o foco em sua atenção à promoção da saúde, em conformidade com as diretrizes do Sistema Único de Saúde (SUS). De acordo com a referida PSE, aborda-se a proporção da construção para obter cultura, paz e combater as variáveis formas de violências nos territórios escolares e comunitário.

## 2.2 Pesquisas bullying na escola

O processo de escolarização adquire um papel fundamental ao desempenhar o processo de constituição do indivíduo. A escola possui funções variadas, partindo desse assunto, tem-se a função social entre a família e a escola no intuito de compartilhar a educação das crianças e adolescentes, a função política, com ideia de contribuir na formação do cidadão e a função pedagógica mediante a transmitir a construção de conhecimento.

No que se refere ao tema bullying, apresenta-se com importância a compreensão e contextualização. Nesse sentido a escola tem pouco conhecimento a respeito do embate da violência sobre os processos de aprendizagem escolar. (TORO, NEVES e REZENDE, 2010).

De acordo com os autores, entende-se que a escola não está preparada para lidar com o problema como o bullying, pois é um trabalho complexo e delicado, no qual envolve sempre alguém mais vulnerável e que necessita de apoio e proteção. Desse modo, o empenho da Unidade Escolar é importante em buscar compreender tal fenômeno, para que a partir de então se procure soluções cabíveis advindas da própria escola, no sentido de intervir a violência escolar para que de fato os jovens não sejam vistos como infratores nas escolas, na comunidade e entre seus familiares.

Sobre a compreensão dos professores a respeito do fenômeno apontam que a maioria dos docentes não realiza nenhum tipo de intervenção durante os episódios de *bullying*. Segundo os estudos realizados no Canadá por. (MISHNA, *et al* 2005, apud TORO, NEVES e REZENDE, 2010, p. 127).

Partindo da fala do autor, infelizmente é uma realidade em muitas instituições de ensino, não apenas no Canadá, mas em muitos outros países, incluindo o Brasil. Além, de não terem o conhecimento adequado do assunto, as unidades de ensino não iniciaram algum tipo

de medidas para intervir nos acontecimentos, na maioria das vezes, passam despercebidos pelos profissionais da escola.

A violência pode transformar e modificar as pessoas, a vida pode tomar um rumo completamente diferente do que se espera, suas crenças e seu mundo sofrem consequências. A maneira como os jovens se autorrepresenta pode ser desestruturada pela violência na qual é submetido em sua vida; vivenciar experiências cruéis exerce função importante no julgamento de si mesmo. Diante disso, a escola precisa compreender a necessidade amenizar a violência presente no ambiente escolar, assim sendo, com intuito de prevenir os atos discriminatórios e maldosos aos quais os estudantes sofrem.

No Brasil, um estudo realizado pela Abrapia, Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência, em 2002, teve como objetivo diagnosticar e implementar ações para a redução do comportamento violento. A pesquisa foi realizada em 11 escolas no Rio de Janeiro com estudantes da 5ª à 8ª série, com o objetivo de sensibilizar educadores, famílias e a sociedade para a existência do problema e suas consequências permanentes. O estudo constatou que 16,9% dos alunos foram alvos de *bullying*, sendo que 10,9% foram alvos e 12,7% autores. (PALACIOS; REGO, 2006).

Referente à pesquisa, a intenção do estudo realizado foi alertar as pessoas em geral para o problema existente, e como resultado a sociedade tem demonstrado preocupações com os fatos ocorridos no âmbito escolar, pois evidencia-se que o referido problema causa danos tanto aos professores, pais como também a sociedade.

Por se caracterizarem como um fato social que abrange a sociedade como um todo, acabam por atingir também o espaço escolar e se expressando no seu cotidiano por meio de preconceitos, intolerâncias e outras expressões. A violência atinge os territórios do entorno da escola e, por extensão, também se estende para dentro da escola em proporções crescentes. (MALTA *et tal*, 2010, p. 3066).

De modo que a violência escolar atinge a sociedade em geral, entende-se que se reproduz a vida extramuro escolar, de forma que, o direito e a responsabilidade de trabalhar para minimizar a violência é de todos, não só dos responsáveis pela educação na escola.

Compreender as formas de violência existentes no âmbito escolar ainda é um grande desafio enfrentado pelos gestores, pais e educadores. Nesse sentido, dada a sua relevância social, o número de pesquisas sobre assunto vem crescendo em todo o mundo nos últimos 20 anos. (MALTA, *et tal*, 2010).

A necessidade de obter o conhecimento e estudar sobre esse fenômeno no ambiente escolar, reforça as ocorrências de bullying dentro das escolas nos seus mais variados tipos.

Portanto, torna-se de grande importância, as pesquisas realizadas que permitam definir sua incidência, observar as situações violentas mais frequentes em que os estudantes vivenciam, as suas prováveis causas e as possíveis intervenções na busca de um agir educativo, que possam diminuir as práticas que tanto maltrata os vulneráveis.

### **3 METODOLOGIA E OBJETIVOS**

Para atingir o objetivo pretendido realizou-se um estudo quantitativo através de uma pesquisa de campo em uma escola pública, no interior do estado do Tocantins, na cidade de Piraquê-TO.

Na pesquisa, foram analisadas as incidências de bullying na escola pesquisada e as possíveis ocorrências de violências escolares, verificando a percepção dos alunos e dos demais membros da escola sobre o conhecimento da temática em estudo. Foram aplicados questionários semi-aberto, contendo 20 perguntas sobre o tema bullying, nas turmas de 8º e 9º do ensino fundamental II e 1º e 3º ano do ensino médio. Para a coleta de dados, foram investigados 47 alunos da unidade escolar.

Logo, este trabalho objetiva-se, compreender o fenômeno bullying e suas possíveis práticas na escola pública do município de Piraquê-TO, entre os estudantes do 8º e 9º ano do ensino fundamental II, 1º e 9º ano do ensino médio.

Uma distinção importante segundo Florestan Fernandes (1959, apud, MARTINS, 2004), que se deve, portanto estabelecer métodos técnicos ou métodos de investigação, melhor dizendo, processos nos quais a realidade é investigada, ou ainda, as manipulações analíticas através das quais o investigador procura garantir para si condições vantajosas de observação dos fenômenos em estudo.

Os resultados obtidos foram de acordo com a pesquisa de campo e a pesquisa bibliográfica que consiste nos estudos de teorias de: BEANE (2011), BERNARDO (2012), LOPES NETO (2005), MEDEIROS (2012). PIGOZI E MACHADO (2015), SOUSA (2015). COSTA E SILVA (2016) entre outros que contribuíram para a elaboração das ideias aqui apresentadas.

#### **3.2 Análise dos resultados**

Neste capítulo, propomos uma contextualização mais analítica acerca do questionário aplicado com os alunos da rede pública estadual. Para tanto, participaram nesse estudo investigativo o total de 47 discentes da referida Instituição Escolar. No caso,

estudantes do Nível Fundamental II (8º Ano e 9º Ano, respectivamente) e Ensino Médio (alunos do 1º Ano e 3º Ano). Sendo 30 Alunos do ensino fundamental e 17 do ensino médio.

Logo, para se compreender essa temática é preciso essencialmente sintetizar sua dada significação para ser no entanto, discutida e contextualizada no âmbito educacional.

Nesse sentido que, fizemos a proposição para assinalação: “1 – Você já sofreu algum tipo de violência na escola?”. O resultado aponta que entre os 47 alunos questionados, 26 participantes evidenciaram que já terem passado por algum tipo de violência, evidenciando que 57% dos pesquisados sofreram bullying, um número significativamente alto, enquanto 43% afirmaram que não. Conforme apresentado no gráfico 1.



Fonte: autora/2019

Observando o gráfico referente à primeira questão do questionário, nota-se um dado instigante acerca do espaço para debate sobre o bullying no ambiente escolar. Durante nosso breve contato com os alunos, percebemos que muitos discentes ficaram um pouco desconfortáveis por tal abordagem investigativa, como também, a delicadeza e complexidade sobre o tema principalmente num contexto como a sala de aula. Talvez o desconforto indique que a escola não aborda o tema, mas seriam necessárias novas pesquisas para averiguar.

No próximo gráfico mostramos que entre os que sofreram bullying a maioria, 54% são do sexo masculino e 46% do sexo feminino, algo que a literatura já explicita, que a incidência é aparentemente maior entre meninos do que entre meninas:

Na realidade, as diferenças entre os gêneros estão na forma de expressão da agressividade e não na função ou motivação da mesma. Não há razão ou evidência para acreditar que as mulheres são menos propensas a demonstrarem comportamento agressivo que os homens. As formas de comportamento agressivo podem estar relacionadas à aprendizagem social, considerando o papel social atribuído às mulheres nas culturas ocidentais. (LISBOA, 2005, p. 20).



Fonte: autora/2019

Quanto aos tipos de violência relatados, podemos ver no gráfico 3, que a maior parte é verbal, seguida por questões raciais. Tal dado explicita que a escola vivencia situações de extrema gravidade no cotidiano escolar, que é o racismo.



Fonte: autora 2019

Ao se considerar que, boa parte do público atendido pela escola tem uma presença considerável de alunos negros e pardos matriculados na escola, a situação torna-se ainda mais complexa e grave.

Mais uma vez, recorreremos a literatura sobre o tema para explicitar que o preconceito está entre as principais armas da violência contra o outro na escola. “O bullying se aproxima do conceito de preconceito, principalmente quando se reflete sobre os fatores sociais que determinam os grupos-alvo, e sobre os indicativos da função psíquica para aqueles considerados como agressores” (ANTUNES e ZUIN, 2008, p. 36).

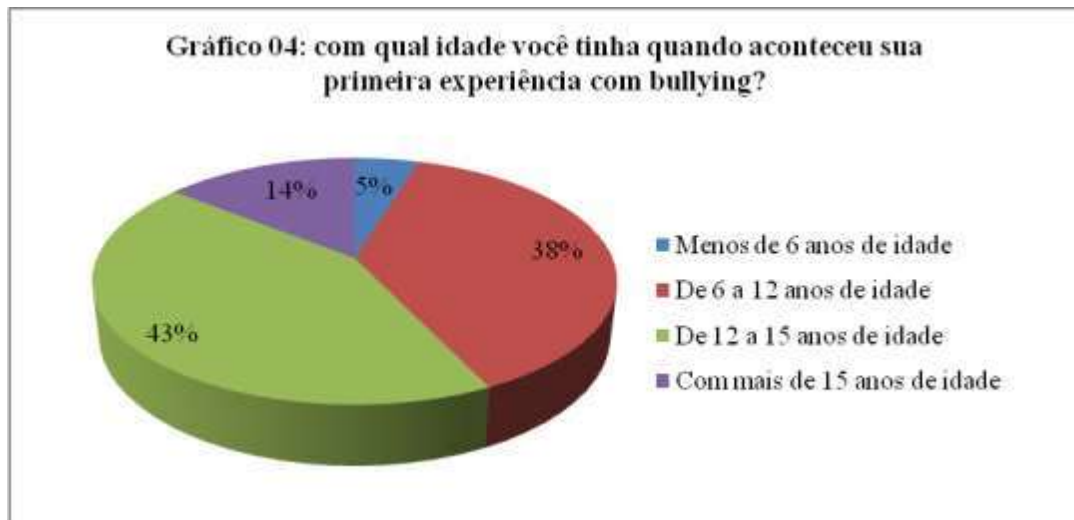
Outro dado condizente ao contexto e vivência de nossos alunos em classe refere-se à prática de insultos verbais contra colegas. Infelizmente, é algo naturalizado e tido como muito frequente na experiência de estudantes e professores em sala de aula. (OLIVEIRA e VOTRE, 2006, p. 175).

O bullying verbal baseia-se no realismo linguístico, no sentido de que as vítimas são apelidadas, normalmente, a partir de um traço físico, de performance, ou psicológico, que as diferencia dos demais e que o apelido põe em destaque, de forma caricatural (...) Os rótulos discriminadores, de base metafórica, são criativos, provocam o riso e a diversão dos circunstantes, e se não fossem trágicos, poderiam ser considerados manifestações da arte da linguagem na interação cotidiana.

A partir da fala dos autores, entende-se a implicância e a complexidade que está sujeita no ato da violência verbalizada no ambiente escolar, seja essa situação ofensiva suscetível entre colegas da mesma classe, ou até mesmo na relação dos alunos com o professor.

No caso, esse bullying verbal pode vir mascarado sob uma forma de brincadeira ou algo como irrelevante dentro da dinâmica de socialização na sala de aula. Contudo, atenta-se a tal característica preconceituosa por ser uma das práticas de bullying mais recorrentes e assim, relatadas pelos próprios alunos na escola.

Sendo assim, apresentamos o seguinte gráfico ilustrando a resposta dos discentes sobre quando e em que situações esses atos de bullying ocorreram na sua vivência educacional.



Fonte: autora/2019

Partindo da análise da resposta dos alunos-participantes, situa-se tal preocupação com os adolescentes do Ensino Fundamental e do Ensino Médio na escola, que já vivenciam tais práticas abusivas e constrangedoras em sala de aula. De fato, uma das maiores preocupação para essa pesquisa investigativa é saber como lidar com o público infanto-juvenil e assim, propor outras e novas abordagem sobre o tema na escola. No gráfico 4 podemos perceber que a maior incidência ocorre dos 12 aos 15 anos idade, período que pega todo o ensino fundamental, do primeiro ao nono ano. Verificamos também que após os quinze anos a incidência diminui. Mostrando a necessidade de maior intervenção neste estágio do ensino.

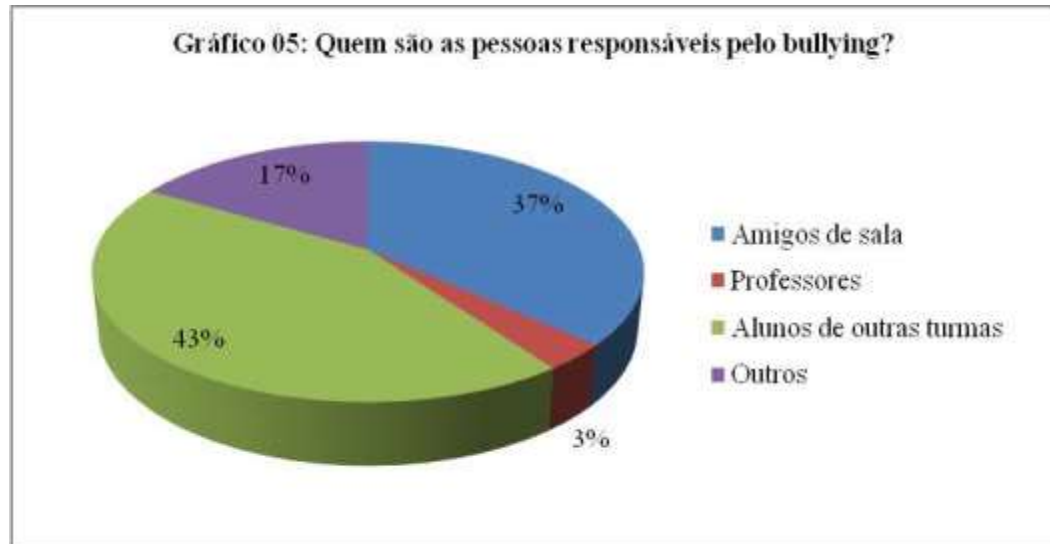
Nesse sentido que, Gómes (2009) destaca o papel da escola na formação das crianças e jovens para sua devida preparação e socialização dentro/fora da sala de aula:

[...] É necessário que os estudantes aprendam a conviver de forma democrática e a resolver seus conflitos mediante o diálogo e a negociação. É necessário que, os que se sintam em desvantagem aprendam a enfrentar os seus agressores com confiança e segurança, valorizando seus próprios recursos pessoais, é necessário educar no respeito e para a convivência pacífica. (p. 55).

A partir do autor, entende-se que é um trabalho bastante delicado ao se tratar sobre bullying na escola, principalmente pensando sobre ações e estratégias para que se confronte tal situação de conflito em sala de aula. Visto que, despertar esse ânimo nos alunos que sofrem com abusos e violências no ambiente escolarizado é uma tarefa que vai agindo gradativamente. Ou seja, tanto a equipe pedagógica quanto a gestão escolar precisam repensar



suas abordagens e práticas metodológicas a fim de amenizar o problema em que se manifesta o bullying.



Fonte: autora/2019

Observando o gráfico acima, fica evidente que boa parte dos casos de bullying que ocorrem na escola, partem dos próprios alunos, sejam eles interagindo na mesma sala de aula ou até mesmo com outros colegas de turmas diferentes. E ocorre uma incidência maior com alunos de outras turmas, indicando a necessidade de intervenções pedagógicas nos momentos e ambientes de coletividade da escola

Segundo os participantes aqui descritos, a frequência desses atos discriminatórios e que incitam qualquer outra prática de bullying ocorre com certa frequência em classe (repostas evidenciadas a partir da resolução da quinta questão do questionário): “*Quantas vezes você (alunX) já sofreu algum tipo de intimidação, ofensa ou agressão?*”.

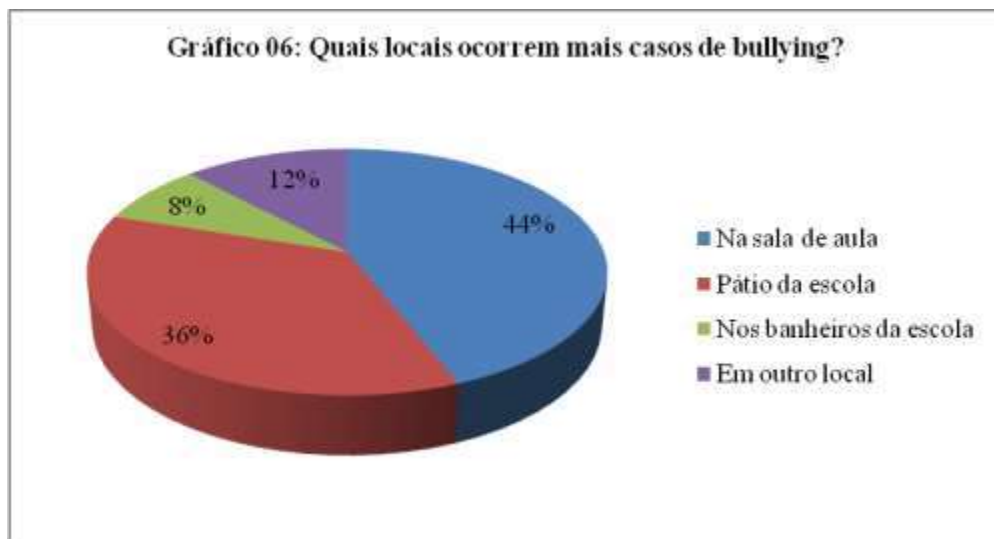
De fato, a partir da convivência com a dinâmica das salas de aula pudemos perceber alguns indícios de agressões entre os discentes, como também, devidos reflexos sobre esse ambiente de hostilização e receio na escola.

Prosseguimos, com enfoque da sexta questão: “*O que você (alunX) sentiu quando aconteceu a prática do bullying?*”.

Desse modo, os alunos-participantes puderam descrever um pouco sobre suas sensações ao presenciar e vivenciar algum ato discriminatório em sala de aula. De modo que,

evidenciamos repostas variadas para tal pergunta, no entanto, algumas nos chamaram bastante a atenção por sintetizar a intensidade do bullying na escola.

Logo, expressões como “raiva”, “vergonha”, “medo” e até mesmo a devida “vontade de denunciar” casos de bullying recorrentes, exemplos de falas de alguns alunos foram observadas como “raiva e vontade de bater”, “medo de ser chamado por apelidos sem graça” realça o problema em questão. Nesse sentido que para contextualizarmos essas falas evidenciadas nos formulários, também determinamos uma questão que buscasse e direcionasse os lugares específicos em que essas situações de agressividade e violência ocorriam nos locais dentro da escola.



Fonte: autora/2019

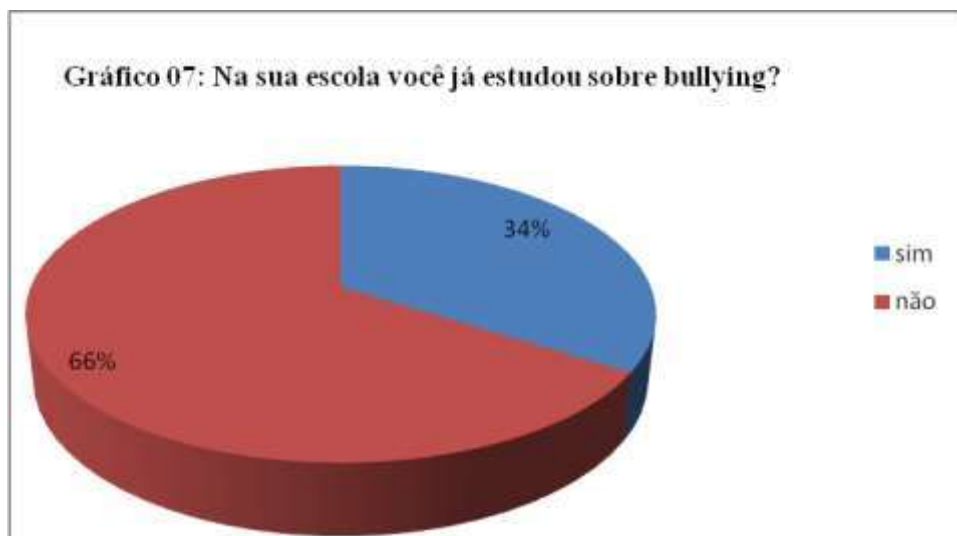
Observando o gráfico 6, nota-se que os ambientes mais vulneráveis as tentativas de agressão ou bullying são justamente os locais que deveriam ter maior supervisão e socialização entre os discentes. O fato de as agressões ocorrerem justamente na sala de aula e no pátio da escola demonstra que professores, supervisores e outros profissionais não estão atuando no sentido de prevenir e intervir em tais questões. No caso específico, uma adequação de formação e de olhar dos educadores poderiam auxiliar na minimização do problema.

Departamentos como banheiros, pátios e até mesmo a sala de aula são espaços com diversos relatos por parte dos alunos em que ocorrem casos de bullying e outros transtornos.

Conforme Lourenço e Pereira (2009), “os diversos tipos de bullying podem ocorrer dentro de todo o ambiente escolar e suas imediações, principalmente nos espaços e tempos livres dos alunos”. Mas, não deveria ser esperado em espaços de extrema vigilância como a sala de aula.

Nesse sentido que também, estabelecemos para os alunos questionados na unidade escolar na oitava questão a seguinte proposição: “*Se você (alunX) já sofreu algum tipo de violência na escola, quais foram as consequências?*”.

No caso, boa parte das respostas dos alunos se direcionaram principalmente em relação de brigas com alunos de outras turmas no pátio da escola durante os intervalos e por consequência punições por parte da escola assinando uma advertência . No entanto, esquematizamos a nona pergunta do questionário a fim de estabelecer o contato dos discentes com a tema “bullying” na escola.



Fonte: autora/2019

E de fato, quase todos os discentes questionados afirmaram o previsto contato sobre a temática “bullying” em sala de aula ou até mesmo, em palestras que conscientizam as UE's a respeito de como lidar com certas situações em que as agressões se tornam elevadas no espaço educacional. Como se pode observar no gráfico, 66% dos discentes afirmaram não ter estudado sobre o tema bullying e 34% informaram que sim. É preocupante saber que na unidade escolar a maioria das crianças e adolescentes ainda desconhecem o assunto.

Na décima questão foi então ressaltado a seguinte pergunta. “*O que vocês (os alunXs) entendem por Bullying?*”. Assim, evidenciamos algumas falas bem simples sobre o assunto, mas que clarificam e objetivam o assunto em estudo. Exemplos de falas dos alunos: “Bullying é quando uma pessoa xinga a outra”, “Bullying é receber apelidos”, “É ser maltratado e receber apelidos”. Nota-se que, o entendimento sobre o tema, por parte dos alunos, é que o bullying se resume na questão de apelidos e xingamentos. Exemplo disso, é o dado dos casos de racismo recorrentes em sala de aula, e até mesmo, casos de xingamentos virtuais, que se caracterizam como *cyberbullying*.

Com relação ao *cyberbullying* a maioria desconhecia o que significava. Desse modo referenciamos a seguinte e décima primeira questão: “*O que você (alunX) entende por ‘Cyberbullying’?*”. No caso, pouquíssimos alunos conseguiram identificar que o termo mencionado significava algo relacionado a práticas de violência na Internet. Observamos algumas das falas dos alunos “Não sei, não conheço”, “Nunca ouvi falar”, “ É quando alguém te xinga pela internet”.

De fato, identificar tal desconhecimento de boa parte dos alunos sobre um assunto tão complexo, nos dias atuais, como o *cyberbullying*, é sem dúvida, um alerta para professores e pesquisadores, no sentido de abordar as diferentes facetas do *bullying* na escola. Logo percebe-se a necessidade da abordagem do tema na escola.

E para tanto, outra questão referente ao tema de provocação virtual foi relacionada para nossa décima segunda pergunta do questionário: “*Você (alunX) já sofreu algum tipo (de intimidação, ofensa ou constrangimento) através da Internet?*”.

Nesse campo, alguns discentes ainda conseguiram desenvolver um breve relato sobre algo que fosse ligado ao conceito de *cyberbullying*. Fala dos alunos: “Quando uma pessoa manda mensagem apelidando”, “É receber mensagem pelo whatsapp com ofensas e ameaças”. No caso, as poucas respostas obtidas a partir dos questionários abordaram mais sobre a questão de apelidos nas redes sociais, algo comum no meio entre os jovens mais interligados as novas plataformas virtuais.

Dando continuidade, propomos para a décima terceira questão. “*O que você (alunX) pensa sobre quem pratica violência com outras pessoas, seja uma agressão verbal, física ou até mesmo emocional?*”. De acordo com algumas respostas obtidas verificou-se o seguinte:

“Não acho certo”, “Penso que essas pessoas têm que ser castigadas”, “Que machuca as pessoas”.

De acordo com os próprios alunos em suas respostas, em conscientização sobre o tema demonstram também, uma significativa desaprovação acerca dos colegas ou conhecidos que praticam o bullying. De fato, esse posicionamento por parte do aluno expõe muito sobre o combate e problematização das práticas de violência na escola.

Alguns dos participantes foram mais objetivos, acerca dos praticantes desse tipo de comportamento em sala de aula, descrevendo no questionário algumas ações mais punitivas para os agressores e provocadores de bullying na escola. Foi possível observar que alguns alunos desejam que a escola tome providências a respeito das violências ocorridas, de acordo com as respostas “Essas pessoas devem ser expulsas da escola”, “O professor tem que colocar para fora da sala de aula”.

Por conseguinte, elaboramos a décima quarta questão proposta destacando essa problemática: “*O que deveria ser feito para evitar a prática da violência da escola?*”. Neste caso, algumas sugestões, dadas pelos discentes, trazem propostas bem interessantes para um trabalho efetivo na escola, visto que os casos de bullying são bastante habituais no dia a dia dos alunos. Fala dos alunos: “Educar melhor os alunos”, “Os professores têm que ensinar o que é bullying”.

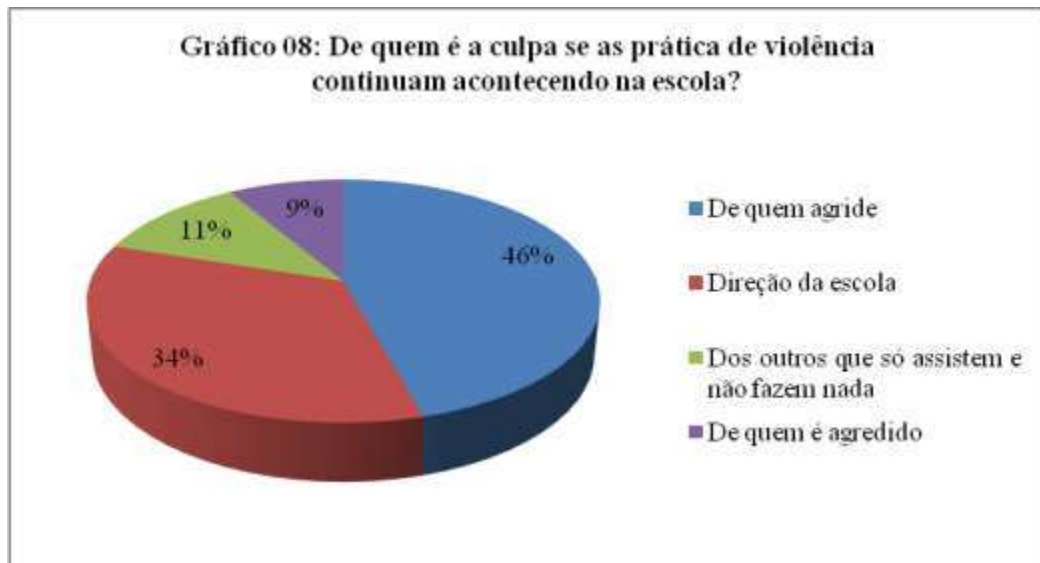
Para os participantes, as possíveis alternativas para amenizar as práticas de violência no ambiente escolar são a realização de mais palestras sobre o tema, como também, maior participação da equipe pedagógica e da gestão de ensino na orientação e efetividade no combate ao bullying.

Cabe à escola avaliar suas necessidades e possibilidades para a construção de um projeto que alcance todos os alunos: vítimas, agressores e espectadores da violência. Seja por meio de aulas específicas, seja por meio de temas transversais nas diferentes disciplinas, em ações multidisciplinares ou campanhas propostas que alcancem e incluam toda a comunidade educativa: pais, professores, funcionários, vizinhos e voluntários da escola. Devem-se estabelecer vínculos com a comunidade para o uso de seus recursos. Trata-se de um verdadeiro mutirão. (CHALITA, 2008, p. 197).

De fato, essa mobilização da escola, sugere também uma reflexão sobre tais práticas exercidas pelos educadores e educandos acerca do tema bullying em sala de aula. Visto que, em alguns casos há uma negligência por parte dos responsáveis, ou seja, a própria

comunidade escolar ou até mesmo, do público externo que pode contribuir com as práticas de combate a violência dentro e fora do ambiente escolar.

Com a pergunta proposta “*De quem é a culpa se as práticas de violência continuam acontecendo na escola?*”, obtivemos o seguinte levantamento para análise.



Fonte: autora/2019

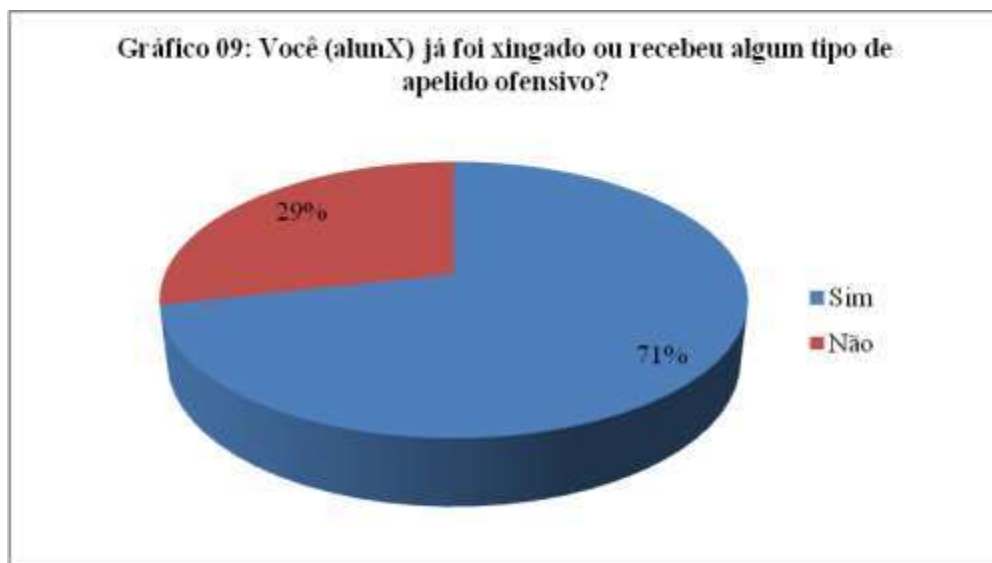
A partir das respostas obtidas, fica explícita a cobrança por parte dos estudantes participantes junto à gestão da escola. No caso, vale ressaltar que as ações da direção da escola implicam devidamente nos assuntos em casos e possíveis soluções para as práticas de violência na escola.

Logo, outro dado importante é colocado sobre as omissões adequadas ao bullying em sala de aula, ou seja, discentes e até mesmo professores que acabam se silenciando diante de determinadas situações que poderiam ser contornadas para evitar tais atos discriminatórios.

Nesse ponto, que referenciamos um das orientações do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) que retrata exatamente esse contexto e situações vivenciadas na escola: “Artigo 5º - Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais”.

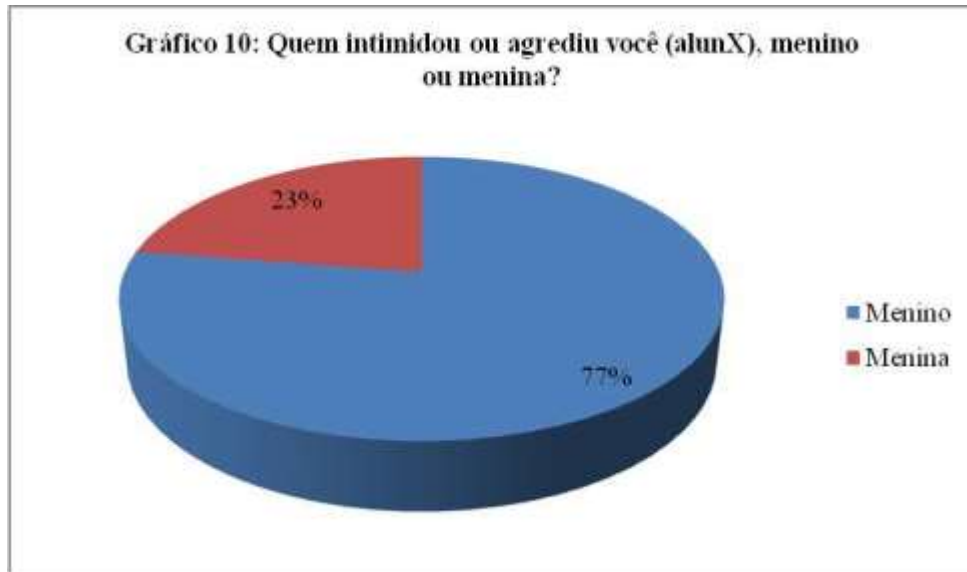
E de fato, a criminalização e devida punição nos casos de discriminação e outras práticas de violência vigentes na escola é uma das possíveis formas de reprimir o bullying em sala de aula. Tendo em vista que, apenas medidas punitivas não são adequadas para solucionar o problema, sendo mais eficaz atuações educativas.

No gráfico 9, 71% dos alunos dizem já terem sido ofendidos por xingamentos ou apelidos na escola e 29% afirmaram que não, cabe ressaltar que apenas um ato isolado não configura bullying, mas a não intervenção neste ato pode servir de incentivo para o aumento da violência.



Fonte: autora/2019

No gráfico 10, temos como perfil de quem mais agride, os meninos, demonstrando que há a necessidade de trabalhos específicos com este grupo. E também, talvez, dando indícios de que pode haver elementos de machismo presente nos atos, assim, como há racismo.



Fonte: autora/2019

De acordo com Silva (2010b), isso se ocorre no panorama em que os meninos agem mais pela força física como prova de sua masculinidade e com modos mais aparentes de violência no contexto escolar.

De fato, em boa parte dos relatos aqui registrados, praticamente todos os discentes pesquisados já presenciaram algum caso de discriminação ou violência na escola. Tendo em vista que, nenhum dos alunos questionados até o momento admitiu dado posicionamento de agressor ou incitador de alguma prática de bullying em sala de aula.

Por fim, sintetizamos o questionário aplicado aos discentes com a opinião dos mesmos sobre “O que poderia ser feito para resolver o problema do bullying na escola?”. Segundo as algumas respostas analisadas, os discentes afirmam o seguinte: “Os professores tem que avisar os pais desses alunos que briga na escola”, “Os pais tem que ir nas reuniões da escola” De acordo com os próprios alunos, um dos direcionamentos possíveis seria a maior participação da família em casos assim.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema bullying é bastante complexo e delicado, compreendemos que para conhecer e entender melhor essa problemática requer bastante atenção e cuidado em sua definição e estudos mais aprofundados. Haja vista que, suas características são de maneira hostil, e refletem nos fatores sociais de forma negativa, provocando consequências emocionais, que podem ser graves, para a vida de quem é vítima

No referido estudo, podemos conhecer o fenômeno bullying e a complexidade que abrange suas definições. Logo, foi possível identificar os fatores que contribuem para a ocorrência dessa problemática e as consequências graves, advindas do fenômeno. A partir dessa comprovação analisou-se através de uma pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo de uma escola da rede pública o comportamento dos discentes dentro do ambiente escolarizado e pode-se avaliar a percepção dos estudantes a respeito do assunto estudado. Na escola estudada percebemos que a prática de bullying é alta e que o mesmo, ocorre em ambientes que deveriam ter supervisão de educadores. Tal situação demonstra a necessidade de um olhar mais acurado dos educadores deste ambiente.

Nesse sentido, entendemos alguns dos motivos pelos quais existem certas práticas de bullying nas escolas, e que necessitam com rapidez de medidas preventivas para combater tais acontecimentos, devido à frequência de atos discriminatórios e violentos direcionados não somente dentro da escola, mas além dos muros da escola envolvendo toda a sociedade.

Tendo em vista que, estão envolvidos além de vítima e agressores, os responsáveis pela escola, incluindo todos que nela trabalham, os pais e a comunidade em geral. De modo que, as consequências a cerca da hostilização afetam todas as pessoas que estão próximas das crianças e adolescentes que vivenciam tais atos de violências.

As consequências resultantes desse problema em questão, são perigosas e afetam de maneira deplorável o bem-estar e prejudica a saúde emocional das vítimas. As vítimas sentem medo, vergonha, raiva, de tal modo, podem desenvolver transtornos emocionais graves, como ansiedade, depressão, podendo chegar até mesmo a cometer suicídio. Logo, entendemos que tanto as vítimas quanto os agressores necessitam de ajuda psicológica. Assim, observamos que os pais são responsáveis pelos atos infracionais de seus filhos, tendo eles que responder

na justiça caso sejam menores de idade. Já a escola, é responsável por tudo que ocorre e qualquer ato de violência ocorrido no âmbito escolar.

Foi possível investigar, a ocorrência de bullying na escola pesquisada, e a maior parte dos discentes respondeu de forma positiva sobre ter sofrido violência. Analisamos o tipo de violência em destaque, e o tipo verbal foi o que mais se destacou, sendo que as agressões vêm de colegas de outras turmas ou da própria sala de aula. Além disso, e com um alto nível de gravidade, encontra-se violência como racismo, com alto grau de incidência (28%), reafirmando o papel e a necessidade de ações educativas sobre o tema.

Portanto, foi possível concluir que, as escolas precisam estudar sobre essa temática, os gestores, professores, alunos e demais participantes do quadro de funcionários da escola, juntamente com os pais e a comunidade, faz-se necessário um entendimento do tema bullying. É importante que, hajam palestras, ações movidas ao combate dessa prática de violência, com ensinamentos sobre definições e consequências afim de que todos passem a ter clareza e conhecimento do problema, com intuito de buscar medidas preventivas para combater o fenômeno bullying e de reduzir possíveis práticas de violência no ambiente escolar. Por fim, sem violência as crianças e adolescentes passam a ter um bom rendimento escolar, melhor qualidade de vida e bem-estar emocional.

## REFERÊNCIAS

Antunes, D. C., & Zuin, A. S. **Do bullying ao preconceito: os desafios da barbárie à educação**. Psicologia & Sociedade, 2008.

AZEREDO, Catarina Machado. **Características individuais e contextuais associadas ao bullying entre escolares no Brasil**. 2015. 182 f. Tese de doutorado, Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, programa de Medicina Preventiva. São Paulo, 2015. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5137/tde-23092015-142247/publico/CatarinaMachadoAzeredoVersaoCorrigida.pdf> Acesso em: 21-11-2019.

BANDEIRA, Claudia de Moraes; HUTZ, Claudio Simon. Bullying: prevalência, implicações e diferença entre os gêneros. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, SP. v. 16, n. 1, janeiro/junho de 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pee/v16n1/04.pdf> Acesso em: 20-10-2019.

BEANE, Allan L. **Proteja seu filho do bullying**: impeça que ele maltrate os colegas ou seja maltratado por eles. Tradução: Débora Guimarães Isidoro, Rio de Janeiro, RJ: Ed. BestSeller, 2010.

\_\_\_\_\_. **Proteja seu filho do bullying**: impeça que ele maltrate os colegas ou seja maltratado por eles. Tradução: Débora Guimarães Isidoro, 2º ed. Rio de Janeiro: BestSeller, 2011.

BERNARDO, Nathalia Cristina Filard. **Bullying e a responsabilidade civil dos estabelecimentos de ensino**. 2012. 60 f. Monografia ( Bacharel em direito) - Faculdade de Formação de Professores, Universidade Presidente Antônio Carlos, Barcarena, 2012. Disponível em: <http://ftp.unipac.br/site/bb/tcc/tcc-c432dcd24786c95d6f04ad0b8dadda81.pdf> Acesso em: 23-09-2019.

CHALITA, Gabriel. **Pedagogia da amizade – Bullying: o sofrimento das vítimas e dos agressores**. 5. ed. São Paulo: Gente, 2008.

COSTA, Yvete Flávio da. *Bullying* – Prática diabólica – Direito e educação. **Revista de Estudos Jurídicos UNESP**, Franca, a.15, n. 21, p. 359 – 377, 2011. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/267546891\\_Bullying\\_-\\_Pratica\\_Diabolica\\_-\\_Direito\\_e\\_Educacao](https://www.researchgate.net/publication/267546891_Bullying_-_Pratica_Diabolica_-_Direito_e_Educacao)

CURY, Augusto. **Ansiedade**: como enfrentar o mal do século. 1. ed. São Paulo: Saraiva, 2014. 160 p.

FRICK, Loriane Trombini. **Estratégia de prevenção e contenção do bullying nas escolas: as propostas governamentais e de pesquisa no Brasil e na Espanha**. 2016. 272 f. Tese de doutorado (pós-graduação em educação) Faculdade de Ciências e Tecnologia - UNESP, Presidente Prudente, 2012. Disponível em:

[https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/136467/frick\\_lt\\_dr\\_prud.pdf?sequence=3](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/136467/frick_lt_dr_prud.pdf?sequence=3)  
Acesso em: 06-11-2019.

GÓMEZ, Juana M R. **Acoso escolar – Medidas de prevención y actuación**. Educação, Porto Alegre, v. 32, n.1, p. 51-58, jan./abr., 2009.

**ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE – LEI Nº 8.069/1990**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm). Acesso em 20/11/2019.

Fante, C. **Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. Campinas: Versus Editora, 2005.

LISBOA, Carolina Saraiva de Macedo. **Comportamento agressivo, vitimização e relações de amizade em crianças em idade escolar: fatores de risco e proteção**. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

LOURENÇO, Lélío Moura; PEREIRA, Beatriz Oliveira. **A gestão educacional e o bullying: um estudo em escolas portuguesas**. Interações, n. 13, p. 208-228, 2009.

MALTA, Deborah Carvalho *et al.* Bullying nas escolas brasileiras: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do escolar (PeNSE), 2009. **Revista Ciência e Saúde Coletiva**. v.15, n. 2, outubro. 2010 p. 3065-3076. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/630/63020572008.pdf>. Acesso em: 22-11-2019.

MARTINS, Heloisa Helena T. de Sousa. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Revista Educação e Pesquisa**. São Paulo, v.30, n.2, maio/ ago. 2004 p. 289-300. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v30n2/v30n2a07.pdf> Acesso em: 23-11-2019.

MEDEIROS, Alexandre Vinicius Malmann. **O fenômeno bullying: (in) definições do termo e suas possibilidades**. 2012. 112 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de ciências sociais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012. Disponível em: [https://pos-sociologia.cienciasociais.ufg.br/up/109/o/2012\\_-\\_Alexandre\\_MALMANN\\_-\\_Disserta%C3%A7%C3%A3o\\_-\\_FINALIZADA.pdf](https://pos-sociologia.cienciasociais.ufg.br/up/109/o/2012_-_Alexandre_MALMANN_-_Disserta%C3%A7%C3%A3o_-_FINALIZADA.pdf). Acesso em: 22-08-2019.

NETO, Aramis A. Lopes. Bullying – comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de pediatria** – Vol. 81, n. 5 (Sup), 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/jped/v81n5s0/v81n5Sa06.pdf> Acesso em: 23-10-2019.

OLIVEIRA, Abadio de. *Et tal.* Causas do bullying: resultados da Pesquisa Nacional do Escolar. **Revista Latino-Am. Enfermagem. Forthcoming 2015**. Disponível em: [http://www.scielo.br/pdf/rlae/2015nahead/pt\\_0104-1169-rlae-0022-2552.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rlae/2015nahead/pt_0104-1169-rlae-0022-2552.pdf) Acesso em: 20-11-2019.

OLIVEIRA, Flavia Fernandes de; VOTRE, Sebastião Josué. **Bullying nas aulas de educação física**. Revista Movimento, vol. 12, núm. 2, maio-agosto, p. 173-197, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2006.

PALACIOS, Marisa; REGO, Sergio. Bullying: mais uma epidemia invisível? **Revista Brasileira de Educação Médica**. v.30, n.1, jan/ abr. 2006 p. 3. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbem/v30n1/v30n1a01.pdf>. Acesso em: 01-11-2019.

PEREIRA, B. O. **A violência na escola – formas de prevenção**. In: B. Pereira, A. P. Pinto (Eds), *A escola e a criança em risco – intervir para prevenir*, Edições Asa, p. 16-30, 2001.

PIGOZI, L. P.; MACHADO, A. L. Bullying na adolescência: visão panorâmica no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, 20(11):3509-3522, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v20n11/1413-8123-csc-20-11-3509.pdf> Acesso em: 08-11-2019.

QUINTANILHA, Clarissa Moura. **Um olhar exploratório sobre a percepção do professor em relação ao fenômeno bullying**. 2011.2 112f. Monografia (Graduação em Pedagogia) - Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2011. Disponível em: <http://www.ffp.uerj.br/arquivos/dedu/monografias/cm.q.2.2011.pdf>. Acesso em 21-08-2019.

ROLIM, Marcos. **Bullying: o pesadelo da escola um estudo de caso e notas sobre o que fazer**. 2008. 174f. Dissertação (mestre em sociologia) - Faculdade de Formação de Professores, Universidade Federal do Rio grande do Sul, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/14951/000672845.pdf?sequ>. Acesso em 22-09-2019.

SILVA (a), Ana Beatriz Barbosa. **Bullying**: Cartilha 2010 – Projeto Justiça nas Escolas. Brasília, 2010. 14 p.

\_\_\_\_\_(b). **Bullying**: Mentis Perigosas nas Escolas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010. 188 p.

SILVA, Cíntia Santana; COSTA, Bruno Lazzarotti Diniz. Opressão nas escolas: o bullying entre estudantes do ensino básico. 638 **Caderno de pesquisa** v. 46 n. 161 p. 638-663 jul./set. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v46n161/1980-5314-cp-46-161-00638.pdf> Acesso em: 07-11-2019.

SÓ, Sheila Lucas. **Bullying nas escolas: uma proposta de intervenção**. 2010. Monografia apresentada como exigência para o curso de Especialização em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul Instituto de psicologia, Porto alegre, dezembro, 2010. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/37003/000787333.pdf> Acesso em: 30-10-2019.

SOUSA, Analicia Martins de. Bullying e projetos de leis no Brasil: uma racionalidade vitimizante e punitiva sobre as relações humanas. **Revista EPOS**; Rio de Janeiro – Vol. 6. n° 2. Jul-dez de 2015: INSS 2178-700x; pag. 27-52. Disponível: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2178-700X2015000200003](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-700X2015000200003) Acesso em: 08-11-2019.

TORO, Giovana V. R. NEVES Anamaria, S. REZENDE, Paula C. M. Bulluig, o exercício da violência no contexto escolar: reflexões sobre um sintoma social. **Revista Psicologia: Teoria e Prática.** 2010, 12(1) 123-137. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v12n1/v12n1a11.pdf>. Acesso em: 23-11-2019.

VECHI, Adriana Duarte Kramer. Bullying o perigo nas escolas. **Revista de educação.** Ananguera Educacional Ltda, v.15, n.19, p.37-52. 06/2014. Disponível em: <https://docplayer.com.br/18145179-Bullying-o-perigo-nas-escolas.html> Acesso em: 01-10-2019.